Universidade Federal de Rondônia
Pró-Reitoria de Pesquisa
Núcleo de Ciências Humanas
Mestrado Acadêmico em Letras

MARIA LÚCIA PRESTES PINHEIRO

DISCURSOS: MARCAS DE DIALOGISMO E ALTERIDADE EM SUJEITOS AUTORES NO FACEBOOK – FACES DE IDENTIDADE

Porto Velho

2013

Fundação Universidade Federal de Rondônia
Pró-Reitoria de Pesquisa
Núcleo de Ciências Humanas
Departamento de Línguas Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado Acadêmico em Letras

MARIA LÚCIA PRESTES PINHEIRO

DISCURSOS: MARCAS DE DIALOGISMO E ALTERIDADE EM SUJEITOS AUTORES NO FACEBOOK – FACES DE IDENTIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Letras/UNIR, pela Maria Lúcia Prestes Pinheiro, como requisito à obtenção ao grau de Mestre em Letras.
Orientadora: Professora Doutora Maria do Socorro Beltrão Macieira

Porto Velho

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

P654d

Pinheiro, Maria Lúcia Prestes

Discursos: marcas de dialogismo e alteridade em sujeitos autores no facebook – faces de identidade / Maria Lúcia Prestes Pinheiro. Porto Velho, Rondônia, 2013.

140f.: il.

Dissertação (Mestrado em Letras) Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Beltrão Macieira

1. Análise 2. Internet 3. Rede social 4. Facebook 5. Discurso e identidade I. Macieira, Maria do Socorro Beltrão II. Título.

CDU: 81'322.5

Bibliotecária Responsável: Ozelina Saldanha CRB11/947

Universidade Federal de Rondônia
Pró-Reitoria de Pesquisa
Núcleo de Ciências Humanas
Mestrado Acadêmico em Letras

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação – Mestrado Acadêmico em Letras da UNIR - no dia 18 de julho de 2013, para Defesa. TÍTULO: Discursos: Marcas de Dialogismo e Alteridade em sujeitos autores no Facebook – Faces de Identidade.

BANCA

Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Beltrão Macieira
(Professora Orientadora/UNIR)

Prof. Dr. Júlio César Barreto Rocha
(Professor Membro/UNIR)

Prof.ª Dr.ª Ilka de Oliveira Mota
(Professora Membro externo ao ML/UNIR)

Prof. Dr. Miguel Nenevé
(Professor Membro Suplente/UNIR)

Porto Velho

2013

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Maria do Socorro Beltrão Macieira, pela orientação.

A CAPES, pela bolsa de estudos no último ano de mestrado.

À Secretaria de Pós-Graduação.

Aos familiares e amigos que me ajudaram nesta caminhada.

Aos professores das disciplinas do mestrado, pelos vários conhecimentos adquiridos.

Aos familiares, especialmente a minha irmã Rosinei Prestes Pinheiro, aos amigos Lucineide Monteiro, Gabriela Vicente Gonçalves de Oliveira, Fabíola Barbosa Beltrão, Luís Eduardo Fiori e Diego Beltrão.

RESUMO

A pesquisa intitulada Discursos: Marcas de Dialogismo e Alteridade em Sujeitos autores no Facebook – Faces de Identidade, teve como pressuposto teórico as bases da Análise de Discurso através dos representantes de suas três fases. Fez-se um estudo sobre as obras de Michel Pêcheux, Michel Foucault, Mikhil Bakhtin, Eni Orlandi e Maria do Rosário Gregolin para mobilizar no ‘corpus’ bases analíticas que apontassem o resgate das condições de produção, as formações discursivas, sociais e ideológicas, a heterogeneidade discursiva - as vozes polifônicas dos sujeitos que interagem na rede social Facebook, com o intuito de, através destas análises, reconhecer o assujeitamento, perfis discursivos e ideológicos que apontam marcas de Alteridade e Dialogismo. Outro aporte teórico se deu em Zygmunt Bauman e Stuart Hall os quais contribuíram para as análises do ponto de vista da construção de das análises das faces identitárias. Para contextualização também incluímos uma pesquisa sobre a Internet, sua origem e faces, principalmente enfocando as redes sociais, como subsídio ao estudo sobre os discursos dos sujeitos analisados do Facebook.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Internet. Rede Social. Facebook. Discurso. Identidade.

ABSTRACT

The research titled Speeches: Brands Dialogism and Otherness in Subjects authors on Facebook - Faces of Identity, was theoretically assumed the foundations of discourse analysis through representatives of its three phases. There was a study of the works of Michel Pecheux, Michel Foucault, Bakhtin Mikhil, Eni Orlandi and Maria do Rosário Gregolin to mobilize the 'corpus' analytical bases which point the redemption of production conditions, the discursive formations, social and ideological, discursive heterogeneity - the polyphonic voices of individuals who interact on the social network Facebook, with the aim of, through these analyzes, recognizing the subjection, discursive and ideological profiles that link brands Otherness and Dialogism . Another theoretical contribution was in Zygmunt Bauman and Stuart Hall which contributed to analyzes from the point of view of the construction of the analyzes of identities faces. For contextualization also include research on the Internet, its origin and faces, focusing mainly on social networks such as subsidy to study subjects' speech analyzed from Facebook.

Keywords: Discourse Analysis. Internet. Facebook. Social Networking. Discourse. Identity.

RESUMEN

La presente investigación nombrada DISCURSOS: MARCAS DE DIALOGISMO Y ALTERIDAD EN SUJETOS AUTORES EM EL FACEBOOK – FACES DE IDENTIDAD, tuvo como presupuesto teórico las bases del Análisis del Discurso a través de los representantes de sus tres fases: Se ha hecho un estudio sobre las obras de Michel Pêcheux, Michel Foucault, Bakhtin, Eni Orlandiy, Maria do Rosário Gregolin para que se pudiera aplicarle al 'corpus' bases analíticas que condujeran al rescate de las condiciones de producción, las formaciones discursivas, sociales e ideológicas, la heterogeneidad discursiva, las voces polifónicas de los sujetos que interaccionan en la red social Facebook, con el objetivo de, a través de estos análisis, reconocer el "asujetamiento", perfiles discursivos e ideológicos que pongan a descubierto marcas de alteridad y dialogismo en las expresiones espontáneas de los investigados. Otro aporte teórico se obtuvo en Zygmunt Baumany Stuart Hall, los cuales contribuyeron para los análisis del punto de vista de la construcción de un perfil de identidad. Para contextualización también fue incluida una investigación sobre la Internet, su origen y faces, señaladamente enfocando las redes sociales, como subsidio al estudio sobre los discursos de los sujetos analisados del Facebook.

Palabras-clave: Análisis del Discurso. Internet. Red Social. Facebook. Discurso. Identidad.

SUMÁRIO

INDRODUÇÃO.....8

CAPÍTULO I
DISCURSO: ALTERIDADE, DIALOGISMO E IDENTIDADE.....11

CAPÍTULO II
MÍDIAS E LINGUAGEM.....33

CAPÍTULO III
ANÁLISE DO DISCURSO DOS SUJEITOS DO FACEBOOK.....54

CAPÍTULO IV
OS LUGARES DO SUJEITO E O DISCURSO: IDENTIDADE.....76

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....86

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....88

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, intitulado DISCURSOS: Marcas de Dialogismo e Alteridade em sujeitos autores no Facebook: Faces de Identidade, tem como aporte teórico os pressupostos da Análise do Discurso ancorados em seus principais ícones, ou seja, Pêcheux, Foucault e Bakhtin. Sob o foco nacional, de forma mais superficial, debruçamo-nos nos postulados de Eni Orlandi e Maria do Rosário Gregolin. Também como aporte teórico, estudamos Zygmunt Bauman e Stuart Hall visto que, além das análises de discursos, nosso foco investigativo buscou noções de identidade na pós-modernidade. Nossa inquietação, ou desejo investigativo, partiu da observação "descompromissada" dos discursos veiculados na rede social Facebook. A curiosidade sobre as relações de alteridade e dialogismo, sobre o intra e o inter discursos entre sujeitos em uma realidade virtual inquietou e despertou nosso olhar para estes entrelaçamentos discursivos.

Nos emaranhados da rede, procuramos identificar esses traços discursivos a fim de, a partir deles, analisarmos traços que apontassem possíveis faces de identidade.

A partir dessas inquietações, procuramos aplicar analiticamente a teoria ao nosso *corpus* que, a *priori*, se compôs de 20 pessoas, as quais acompanhamos por um breve período de tempo, pois percebemos que teríamos que fazer um recorte, por ser muito grande a quantidade de postagens deste número de pessoas, então fizemos o recorte para três do sexo feminino e três do sexo masculino, com as seguintes características: Masculino com idade entre 30 a 45 e Feminino com idade entre 25 a 35 buscando diferentes características de discursos e identidades.

O nosso objetivo principal foi compreender através da AD as relações de alteridade e dialogismo; a interatividade. Como objetivos secundários, analisamos como a influência da mídia, nesse caso rede social Facebook, age sobre a linguagem nas formações discursivas, nos levando a considerar, nas análises, os "já ditos" e os novos discursos a partir das ressignificações dentro do acontecimento. Utilizamos o método investigativo de observação e registro (*print screen*) para, através das enunciações discursivas, analisarmos as marcas de alteridade e dialogismo constitutivas e constituídas por faces de identidade.

Em primeiro lugar, fizemos leituras teóricas baseadas nas disciplinas cursadas e nas recomendadas pela orientadora, em segundo, fizemos (*print screen*) de recortes discursivos e, em terceiro lugar, analisamos os discursos mais representativos dos recortes acima mencionados em 6 sujeitos que foram escolhidos para análise.

Organizamos nossa dissertação em quatro capítulos, o primeiro, intitulado Discurso: Alteridade, Dialogismo e Identidade, é um capítulo teórico no qual fizemos o resgate histórico da AD, seus principais representantes e suas contribuições.

Para análise do corpus, nos utilizamos de alguns dos cinco mecanismos foucaultianos, princípio de inversão, descontinuidade, especificidade e a exterioridade. São estes os princípios que, em conjunto com as análises sobre alteridade, dialogismo e identidade, nortearam as análises dos capítulos.

O segundo capítulo, Mídias e Linguagem, tratou sobre a interferência do Facebook, principalmente seu caráter dialógico e altérico que influenciam e são influenciados pelas formações discursivas, social e ideológica dos sujeitos, ou seja, quando, ao mesmo tempo em que são construídos, também colaboram com construções discursivas, linguístico-sociais numa relação intra e interdiscursivas constantes.

Análise dos discursos dos sujeitos do Facebook, o terceiro capítulo, consiste especificamente na análise linguístico-discursiva dos recortes do que foi postado pelos sujeitos analisados, lugares em que os sujeitos foram identificados pelo estudo da polifonia e da polissemia (em processos de alteridade e dialogismo entre os “já ditos” e os novos no acontecimento). Buscamos analisar as ressignifcações, no enunciado vivo, representadas pelas vontades de verdade, postadas na página do Facebook, para avaliar os lugares ocupados por estes sujeitos, suas relações discursivas para enfim traçarmos uma possível face identitária.

CAPÍTULO I

DISCURSO: ALTERIDADE, DIALOGISMO E IDENTIDADE

A Análise de Discurso - AD é uma teoria que tem o discurso como objeto de estudo e de análise, é fundamentada através dos diversos conhecimentos da Linguística de Saussure, do Materialismo Histórico, pela releitura da obra de Max feita pelo filósofo francês Louis Althusser e pela Psicanálise através da releitura de Freud feita pelo psicanalista francês Jacques Lacan.

A Análise do Discurso de linha francesa (AD) se constituiu na década de 60 do século XX, período em que o estruturalismo, originário do linguista Ferdinand Saussure no *Cours de linguistique générale* (1916), era utilizado como método de análise em vários campos do saber, buscando identificar as inter-relações existentes entre as estruturas linguísticas dentro de uma prática cultural, a partir da existência de vários fenômenos e atividades lingüísticas, em várias práticas sociais em que os sentidos e significados eram produzidos e reproduzidos.

Os primeiros estudos da Análise do Discurso se dão a partir do filósofo Michel Pêcheux e do linguista Jean Dubois, ambos utilizaram a teoria linguística de Zellig Harris e a teoria marxista sobre a ideologia através da releitura de Althusser. Segundo Maldidier:

> A história da Análise do Discurso na França pode ser lida através de uma dupla fundação, no final dos anos 60 nas figuras de Jean Dubois e Michel Pêcheux. Apesar das diferenças, os dois fundadores tinham como pano de fundo o panorama da França da época. Dubois e Pêcheux eram ligados ao marxismo e à política (GREGOLIN, 1995).

Pêcheux iniciou seu conhecimento teórico e científico a partir das ciências sociais através do interesse pela epistemologia e pela história das ciências observando os campos teóricos onde estas se apoiavam, "Pêcheux objetivava, ao desenvolver a análise automática do discurso, fornecer às ciências sociais um instrumento *científico* de que elas tinham necessidade". (PÊCHEUX apud HENRY, 2007, p.15).

Para Pêcheux, o instrumento científico é aquele da história da ciência e das técnicas científicas. Ele elaborou a construção de um instrumento científico a partir das teorias de Bachelard e Canguilhem, o primeiro foi estudioso da teoria da construção do objeto científico e o segundo sobre a tese que parte do ser vivo para

compreender a vida, ou seja, o segundo realiza uma análise de decomposição lógico-matemática, e, através do seu interesse pelas ciências sociais, acrescentou vários elementos de uma análise marxista como as consequências sobre a divisão do trabalho, como também as consequências sobre as características contraditórias das forças produtivas, assim como as relações sociais de produção em uma dada sociedade dividida em classes.

Nesse sentido, Pêcheux explica como acontece a construção de um instrumento científico em dois momentos: no primeiro momento refere-se em como a ciência estabelece seu objeto, aqui é inserido um objeto, que tem uma função em uma dada relação e produção na sociedade, onde acontece à transformação teórico-conceitual da produção desse mesmo objeto num espaço ideológico em que possibilita sua própria cientificidade, ou seja, é “o momento da transformação produtora de seu objeto, que é dominado por um trabalho teórico-conceitual que subverte o discurso ideológico com que esta ciência rompe.”. É nesse sentido que Pêcheux conclui que a ciência “nova” é o rompimento com a ideologia da ciência “antiga”, desta forma, o objeto de uma ciência não é um objeto empírico, mas uma constante construção.

Já no segundo momento, Henry (2007, p. 16) informa que o Pêcheux “se refere ao processo de ‘reprodução metódica’ deste objeto, isto é, o processo através do qual uma ciência explora, do interior, seu próprio discurso, testando sua consistência e necessidade”. A combinação do primeiro e segundo momento da elaboração do objeto científico resulta em uma homogeneidade entre este objeto e os métodos, estabelecendo-a enquanto ciência.

Para Pêcheux, é na reinvenção do instrumento ou objeto, ou seja, na interpretação do instrumento que a ciência insere seus questionamentos de tal modo que o ajustamento do próprio discurso científico consiste na apropriação dos instrumentos através da teoria.

Nesse sentido, os instrumentos científicos, resultado da reinvenção, são extensões dos instrumentos da prática técnica utilizadas no meio social e é nessa extensão que é possível contestar ou confirmar as posições ideológicas.

Pêcheux elabora o seu instrumento científico a partir do conceito de ideologia das ciências sociais e analisa a ideologia enquanto processo. Segundo Henry:

> Do lado das relações sociais, ideologia é um processo que produz e mantém as diferenças necessárias ao funcionamento das relações sociais de produção em uma sociedade dividida em classes, e, acima de tudo, a divisão fundamental entre trabalhadores e não-trabalhadores. Neste caso, a ideologia tem como função fazer com que os agentes da produção reconheçam seu lugar nestas relações sociais de produção. (HENRY, 2007, p.24).

Para Pêcheux, a definição de ideologia tem a ver com a prática política que tem o objetivo de conservar a última estrutura através das relações sociais transformadas no interior da prática social. Nesse sentido, tanto as ideologias como as "ciências sociais" atuam juntas para a prática política.

Na relação entre ideologia e "ciências sociais", é inserido o discurso como instrumento da prática política que, segundo o Pêcheux (apud HENRY, 2007, p.24), "o instrumento da prática política é o discurso" e acrescenta que "a prática política tem como função, pelo discurso, transformar as relações sociais reformulando a demanda social.". Considerando o novo valor conceitual atribuído ao referido instrumento, ele deve ser utilizado tanto para autorizar como para contestar as posições políticas ou ideológicas em uma sociedade.

A partir da construção do instrumento denominado discurso, Pêcheux provoca uma ruptura dentro das ciências sociais em um plano ideológico e conceitual, fator que possibilitou a construção de uma teoria do discurso desenvolvida em três fases reunidas em sua obra *Por uma análise automática do discurso*.

Os períodos das fases da AD estão marcados pelo crono-bibliográficas, ou seja, pelo período das publicações desenvolvidas nas três fases em que as duas últimas são atualizações da primeira.

A primeira fase AD-1, entre o período de 1969 a 1972, se refere às publicações: *Revista Langages* nº 11, 13, 23 e no mesmo ano a obra de *M. Pêcheux, Analyse Automatique du Discurso, Dunod, 1969*. Nesta fase, a AD-1 traz a noção de maquinaria discursivo-estrutural que, segundo Pêcheux (1969, p. 311**)** "um processo de produção discursiva é concebido como uma máquina auto-determinada e fechada sobre si mesma, de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos", nesse sentido, o discurso é determinado pela ideologia, porém, os sujeitos têm, através do apagamamento ideológico, a ilusão de serem a "origem" de seus discursos, e segundo Pêcheux (1969, p. 311), "os sujeitos acreditam que "utilizam" seus discursos quando na

verdade são seus “servos” assujeitados, seus “suportes””, os sujeitos utilizam seus discursos sem perceberem que fazem parte da prática política.

No plano político, o discurso está entre os sujeitos nas relações de produção através da estruturação e organização dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) que, segundo Althusser (1980, p. 43), refere-se a “um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas”, como exemplo as instituições religiosas (o sistema das diferentes Igrejas), escolares (o sistema das diferentes escolas públicas e privadas), familiares, jurídicas, políticas, sindicais, culturais (Letras, elas Artes, esportes, etc.) e de informação (a imprensa, o rádio, a televisão, etc.), que asseguram a permanência da ideologia dominante, à formação social dos sujeitos de um período histórico e o processo contínuo da reprodução do discurso no interior das relações de produção de um sistema econômico, remetendo a lugares pertencentes a uma ou outra classe. Estes Aparelhos Ideológicos de Estado que são de ordem pública ou privada, tendo seu exercício em prol da classe dominante. servem de suporte ao assujeitamento dos sujeitos, de modo que cada um ocupe “seu” lugar em uma das classes sociais.

A reprodução do discurso institucionalizado acontece através da interpelação do sujeito. Na prática, Pêcheux (apud HENRY,1969, p. 30), afirma que é enquanto sujeito que qualquer pessoa é “interpelada” a ocupar um lugar determinado no sistema de produção. É através da “interpelação” que aquele que é chamado de sujeito é sempre já-sujeito, mas é também por meio da interpelação que o sujeito se reconhece como tal, e tem a impressão de exercer sua livre vontade para ocupar um lugar em classes social, contudo, este “jogo” de poder opaca o assujeitamento

Segundo Henry (1969, p. 33), ““as ideologias não têm exterior”. ... há diferentes ideologias, diferentes posições ideológicas. Estas diferentes ideologias ou posições ideológicas são antagônicas (não em contradição).”. Diante das ideologias, Pêcheux considera que o sujeito é assujeitado por elas.

Ainda nesta primeira fase, a visão de Foucault é de que o sujeito assume um posicionamento diante do discurso, mascarando o exercício de poder pelo discurso presente em múltiplos contextos e relações entre sujeitos, para Foucault (1996, p. 9), “... o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual... a

política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes".

O discurso como lugar da prática política recebe total proteção das instituições dotadas de poder tanto através do controle de exclusão como da interdição, separação / rejeição e verdadeiro / falso em que coloca em jogo o desejo de poder. O poder, concentrado nas instituiçãos, é ramificado em todos os sujeitos que o produz e o reproduz nas relações de produção, como também em múltiplas instâncias de relações entre eles ao longo do tempo e da história. Segundo Foucault, (1979, 160), "De fato, o poder em seu exercício vai muito mais longe, passa por canais muito mais sutis, é muito mais ambíguo, porque cada um de nós é, no fundo, titular de um certo poder e, por isso veicula o poder". O poder, em meio às relações econômcias, não econômicas, individuais ou coletivas, existe em uma relação de domínio de poder que, por meio da prática de qualquer ação do sujeito, afirma e fortalece a sua existência no plano universal, nacional ou individual.

Nesse sentido, a primeira fase da AD é fortemente marcada pelo assujetiamento do sujeito tanto através da "interpelação", como pelo posicionamento deste diante do discurso.

A segunda fase da AD-2, entre o período 1973 a 1977, trata da atualização da primeira fase a qual soma-se alguns trabalhos como: R. Robin, *Histoire et Linguistique*, A. Colin, 1973., referindo-se à atualização no campo da Linguística; M. Pêcheux, *Les Vérités de la Police*, Máspero, 1975., referente ao campo teórico; P. Henry, *Le Mauvais Outil, Klincksieck*, 1977.; J. Guillaumou e D. Maldidier *"Courte Critique pour une longue histoire"*, *Revue Dialectiques*, nº 26.; *Revue Langages* 37,55,62.

Esta fase apresenta um quadro teórico bem resumido de seu campo de estudo vejamos:

> 1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
> 2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processes de enunciação ao mesmo tempo;
> 3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.
>
> Convém explicitar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica) (PÊCHUX; FUCHS, 1997, P.166-167).

Os referidos campos de conhecimento teórico da AD aparecem juntos em uma análise discursiva. A Linguística referente aos estudos de Saussure, que considera a língua como um sistema e a linguagem exterior ao sujeito, como também aos estudos da enunciação. A Psicanálise referente aos estudos de Lacan sobre a releitura de Freud em que acrescenta que todo pensamento é estruturado pela linguagem. O Materialismo Histórico refere-se aos estudos de Althusser sobre a releitura de Karl Marx contribuindo com os Aparelhos Ideológicos de Estado relacionados às relações de produção na luta de classes, às condições de produção que, segundo Pêcheux (1969, p. 74), são o "estudo da ligação entre as "circunstâncias" de um discurso e seu processo de produção" ao tempo em que se encontra no contexto histórico de período considerando as várias ideologias reunidas colocadas em confrontos conforme o tempo, espaço, clima, região, etc. As ideologias estão para o sujeito, como formações ideológicas, no plano subjetivo; no plano objetivo o poder ideológico está para as formações discursivas como determinante diretamente interligado às condições de produção de cada sujeito.

A Formação Discursiva (FD) se refere a vários discursos dispersos que deixam de ser dispersas quando o sujeito autor, através da função autoria, se utiliza de uma estrutura, norma ou outro tipo de ordem discursiva organiza seu discurso direcionando-o a um outro sujeito numa atitude enunciativa, assim, a FD se materializa no acontecimento discursivo. É também nesse momento que a FD é atualizada pela produção e reprodução contínua do discurso entre vários outros. Considerando o discurso como uma prática de poder, é nesse momento que o poder está se exercitando, se fortalecendo, perpetuando-se ou se transformando, é neste momento que os sujeitos são interpelados enquanto tal.

A FD do sujeito é constituída pelos discursos fragmentados e dispersos que circulam em uma sociedade, correspondendo às institucionalizações discursivas que implicitamente são responsáveis pelas normas, estruturas e rituais para que a produção e reprodução dos discursos se perpetuem. Segundo Orlandi (p. 43), "as formações discursivas representam, no discurso, as formações ideológicas", ou seja, o discurso é compreendido a partir dos atravessamentos das ideologias institucionalizadas implicitamente em todas as suas dimensões conforme o lugar que o sujeito ocupa. A partir do conceito de FD de Foucault, Maingueneau (1997, p.14), define as formações discursivas que se referem à AD como "um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram

uma época data, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa". Esta abordagem considera que os indivíduos vão se apropriando sem perceber de discursos adquiridos e transmitidos em uma sociedade relacionada a um período, em um determinado lugar, submetido às regras implícitas que regem a ordem dos discursos. Nesse sentido, os enunciados estão interligados à história, ao espaço, à economia e a um tempo que mostra um movimento histórico de uma época. A FD de Foucault também influenciou Pêcheux:

> Chamaremos, então**,** formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

As formações discursivas são determinadas pelas formações ideológicas nas relações sociais em uma estrutura abrangendo regras, normas, leis, costumes e rituais, interligados à linguagem através da língua, em uma época e em um espaço em que as lutas de classe se confrontam. Esse conjunto de acontecimentos determina para cada sujeito o que pode e deve ser dito com relação ao outro ou aos vários outros nos mais variados gêneros discursivos. Nesse aspecto, o discurso recebe sentido em meio a esta estrutura social em que é produzido e reproduzido. A FD é o lugar da constituição do sujeito e dos enunciados pelo processo discursivo em um movimento determinado semanticamente pela ideologia marcada na história, no tempo e no espaço.

O Poder Ideológico, através do processo discursivo é responsável pelo assujeitamento do sujeito, nesse processo, considera-se que em cada formação discursiva são disponibilizados elementos como imagem, representação, sentido etc., que serve de matéria prima para a realização de uma nova. Ainda nesse processo, o assujeitamento acontece quando o sujeito, diante de uma FD, a reconhece pelo fato de fazer sentido para ele, assim como, na produção de uma nova FD a partir dos "já ditos" pelas anteriores.

Contudo, esse mecanismo de assujeitamento é "apagado" pelo inconsciente do sujeito pela sua "vontade de verdade". Esse mesmo mecanismo ocorre com o processo discursivo pelo viés da linguística e da psicanálise utilizado por Pêcheux

referindo-se a uma reelaboração lacaniana da teoria de Freud, como diz o próprio Pêcheux:

> [...] diremos, então, que o pré-consciente caracteriza a retomada de uma representação verbal (consciente) pelo processo primário (inconsciente), chegando à formação de uma nova representação, que aparece conscientemente ligada à primeira, embora sua articulação real com ela seja inconsciente (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

O processo acontece simultaneamente em que o pré-consciente/consciente é representado como o lugar em que contém todas as representações de enunciados e que pode ser designando como os “pré-construídos”, os “já ditos”, os “sempre já aí”, “sempre já lá”, “memória”, “constituição de sentido”, diferentes formações ideológicas ou discursivas etc., como também o reconhecimento do sujeito em si mesmo relacionado ao interior e o exterior.

Esse espaço, responsável por inúmeros fenômenos no sujeito e pelo sujeito, dar-se a construção do fenômeno interior a que Pêcheux (1997, p. 163) denominou de intradiscurso, ou seja, às relações discursivas subjetivas ou interiores.

O interdiscurso, que trata das relações discursivas objetivas ou exteriores, se apresenta no momento do reconhecimento da ideologia, no momento em que o sujeito a concebe, pelo próprio sentido que ela carrega, embora este processo, pelo apagamento, faz com que ele não perceba a existência de um domínio ideológico, pois, segundo Pêcheux:

> [...] todo sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase – um enunciado, forma ou sequência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada.(PÊCHEUX, 1997, p. 173)

É através das necessidades enunciativas que o sujeito tem as opções de escolha de como será a sequência do seu discurso. Aqui há uma falsa impressão da liberdade ou autonomia de que o sujeito é dono do seu discurso ou dizer, mas apenas escolhe parafrasticamente a sua maneira como irá reproduzir o discurso que ideologicamente está submetido conforme a sua posição diante da escolha da ideologia que a reproduz. Foucault (1996, p. 28), identifica o sujeito, não como alguém falante ou que escreveu algo, mas como aquele que faz o agrupamento da unidade, significações e insere sua coerência ao seu discurso. É nesse sentido que

o indivíduo, interpelado pela formação discursiva, exerce a função autor diante de seu discurso.

O processo enunciativo relacionado à produção de sentido coloca no jogo discursivo o “dito” rejeitando consequentemente o “não dito”, ao rejeitá-lo remete a possíveis suposições de outros dizeres que poderiam ser ditos. A esse processo, Pêcheux (1997, 176) se refere que há um espaço vazio para “tudo o que teria sido possível ao sujeito dizer (mas que não diz)" ou o campo de "tudo a que se opõe o que o sujeito disse" e que o espaço do rejeitado, ou seja, “não dito” possivelmente pode ser compreendido conscientemente através de indicações subentendidas ao que o “dito” realmente diz ou o que queria dizer.

No campo do rejeitado, se tem a impressão de consciência para o sujeito sobre “eu sei o que eu digo”, “eu sei o que eu falo”. Segundo Foucault (1996, p. 47), “O sujeito fundante, com efeito, está encarregado de animar diretamente, com suas intenções, as formas vazias da língua”. São as lacunas deixadas pela linguagem que possibilita o sujeito a ter certa “autonomia” na elaboração do seu discurso. d) a memória/pré-construído/já dito remete a todas as representações simbólicas ou imagéticas, pela linguagem através do pré-consciente/consciente ou no interior das formações discursivas adquiridas até o presente do sujeito.

Segundo Macieira (2004, p.60), “... a memória é fonte e interventora dos implícitos tanto para fundá-los como para enquadrá-los em uma situação, localizando os discursos em um tempo e espaço.”, a memória surge como uma ressignificação do implícito em um espaço-temporal do presente momento que é resgatada pelo próprio sujeito. Segundo Pêcheux (2007, p. 52), “(...) a memória discursiva seria aquilo que face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (...os pré-construídos... de que sua leitura necessita”. Nesse sentido, a memória, pré-construídos ou “já ditos” são resgatados conforme a necessidade dos sujeitos pelo intradiscursos que são responsáveis pela interligação de discursos na subjetividade do sujeito. Já os interdiscursivos são discursos relacionados ao social como por exemplo o diálogo, os livros, ou seja, os discursos verbais. Nesta fase, houve vários avanços na AD possibilitando outros conforme seu aprofundamento.

Já a terceira fase AD-3 (1978 a 1981) traz uma atualização a partir dos estudos inseridos em *Matérialités Discursives, Pul, 1981* e *P. Plante, Le sistème de programation Deredec.*

Nesta terceira fase, acontece a construção do objeto discursivo chamado sujeito, a partir do resgate da AD-1 e AD-2 referente às formações ideológicas pelas formações discursivas, como também pelo posicionamento do sujeito e seu assujeitamento ao intradiscurso que sobre as relações discursivas internas, ou seja, no subjetivo do sujeito; e pelo interdiscurso referente às interligações discursivas externas ao sujeito sobre os discursos institucionalizados. Na AD-3,os estudos se voltam para a formação da identidade a partir do ponto de vista e lugares enunciativos. A proposta de Hall e Bauman considera que a identidade é fluida, flexível e mutável devido encontrar-se em um constante processo de construção e reconstrução a cada ressignificação discursiva, pelo novo acontecimento, no ato de fala ou no diálogo entre o sujeito e um discurso onde haja a possibilidade de interação verbal e/ou não verbal. A abordagem da teoria enunciativa de Bakhtin considera a língua do ponto de vista político e social, colocando em cena a heterogeneidade enunciativa do discurso outro, em um diálogo que tem como ponto de ligação a interação verbal, ou seja, a interação envolvendo discursos verbais.

O processo enunciativo de Bakhtin parte do pressuposto que o sistema de língua tem dois pontos de vista:

> Esse sistema exprime-se, efetivamente, em coisas materiais, em signos, mas, enquanto sistema de formas normativas, sua realidade repousa na sua qualidade de norma social. Os representantes dessa orientação acentuam constantemente que o sistema linguístico constitui um fato objetivo externo à consciência individual e independente desta – e isto representa uma de suas posições fundamentais. E, no entanto, é só para a consciência individual, e do ponto de vista dela, que a língua se apresenta como sistema de normas rígidas e imutáveis. (BAKHTIN, 1997, p. 90)

No campo subjetivo do sujeito, o sistema de língua envolve sinais e signos que desencadeiam um conjunto de várias representações no sujeito. Os sinais se referem a instrumentos utilizados para identificação de coisas, Segundo Bakthin (1997, p. 93), “O sinal não faz pertence ao domínio ideológico; ele faz parte do mundo dos objetos.”, que se refere à designação da coisa ou objeto imutável, de ordem fixa, ou o acontecimento no tempo presente ou passado ou projeção futura. A especificidade da sinalização de um objeto como exemplo camisa ou flor, serve apenas para identificar este ou aquele objeto sem fazer sentido algum com outras palavras, apenas reconhece o objeto referido. O sinal como designação de objeto não faz sentido devido não vir acompanhado do sentido ideológico.

Neste caso, o elo entre o objeto e o sentido ideológico acontece através do signo que é responsável pela compreensão da palavra carregada do seu valor ideológico em um contexto social. O signo, como o significante e o significado resgatado de Saussure, está carregado de normas discursivas ideológicas.

No campo político do sujeito, considerando o exterior, o sistema de língua se refere a um sistema ideológico de normas sociais registradas num processo contínuo e evolutivo paralelo ao tempo, espaço e o lugar em que é utilizado. A língua vista do social está relacionada ao coletivo em uma estrutura interligada aos discursos institucionalizados que visam o comportamento do sujeito a partir de sistema de normas padronizadas, reconhecidas e aceitas no interior de cada sujeito e que manifestadas identificam-se em uma época e espaço-temporal.

Segundo Bakhtin (1997, p.91), “Todo sistema de normas sociais [...] somente existe relacionado à consciência subjetiva dos indivíduos que participam da coletividade regidas por normas.”. Por este aspecto, o sistema de normas sociais resgata o sistema de discursos institucionalizados, como o discurso jurídico, familiar, político entre outros que se atravessam com o objetivo em comum de manter o comportamento padrão e modelado do sujeito. Nesse sentido, Bakhtin considera o sistema de língua imutável apenas do ponto de vista subjetivo, mas do objetivo, ou seja, do ponto de vista do exterior ou social, sua existência se refere a um processo evolutivo de língua relacionado às ideologias materializadas nos discursos institucionalizados determinados no contexto social através do diálogo em cada época.

O diálogo coloca em cena dois ou mais sujeitos denominados interlocutores interagindo por meio de uma ou várias enunciações carregadas de valores ideológicos sob formas discursivas em uma relação social em determinado contexto histórico. Para o interlocutor, o diálogo coloca em jogo as suas ideologias, como também as do outro interlocutor em que na interação demonstra o nível de seus assujeitamento ideológico pelo posicionamento da enunciação de cada um. Nesse diálogo, é a troca de enunciados que explicita a forma e como a ideologia está inserida em suas subjetividades. Segundo Bakhtin (1997, p.107), “É evidente que o diálogo constitui um caso particularmente evidente e ostensivo de contextos diversamente orientados.”, pois todo diálogo presencia dois ou mais pontos de vista diante do enunciado, mesmo que haja similaridades ou divergências em cena entre os sujeitos. No plano da subjetividade do sujeito, encontra-se a língua como sistema

abstrato de representações apenas do ponto de vista linguístico e a língua como sistema de normas considerando as ideologias inseridas em todos os tipos de enunciados no plano concreto em que cada palavra formadora de enunciados é dotada de significantes e significados, a partir das formações discursivas.

É no momento da formulação dos diálogos entre interlocutores que os discursos ressignificam cada palavra, enunciados, opiniões e ideias inseridas em uma ou em várias ideologias sociais. Bakhtin (1997, p.95), considera que “A palavra está carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.”, o sentido de cada palavra acontece na compreensão do signo, ou seja, na compreensão do objeto através do sentido das circunstâncias sociais. Quando as palavras estão inseridas no enunciado, o que aparece explicitamente são os sentidos de um plano social, ou melhor, dos discursos em interação nas relações sociais. Segundo Bakhtin (1997, p.98), “Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal.”, ou seja, coloca em um contexto dialógico o enunciado entre dois ou mais interlocutores nos mais diversos textos verbais envolvendo a escrita e a fala como exemplo o discurso jornalístico via televisão e o discurso narrativo inseridos em livros literários.

É no diálogo interativo que o enunciado serve como elo para conflitos: acordos ou desacordos, divergências e enfrentamento em que se encontra em jogo as ideologias sob formas de enunciados discursivos mostrando as relações de poder, de antagonismo, de classes sociais ou assimilaridade de assuntos afins em que os sujeitos envolvidos se encontram. É através do enunciado no momento do diálogo que a ressignificação da palavra com sentido ideológico acontece, é no acontecimento da ressignificação que a produção e reprodução ideológica se renova e se perpetua no contexto histórico social relacionado ao tempo e espaço da época. É no momento presente que cada palavra se torna nova pela sua ressignificação, segundo Foucault (1996, p.26), “O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta.” em que cada volta é o momento da ressignificação tornando a palavra, enunciado e discurso novo pelo uso que cada acontecimento proporciona.

O enunciado é o objeto dialógico da interação verbal. Para Bakhtin (1997, p.113), “toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte.”, toda palavra em uma

interação verbal entre interlocutores terá valor ideológico de acordo com as formações discursivas, sendo movimentada no diálogo de acordo com o social, como por exemplo a palavra que é manifestada no social em que leva em consideração se o interlocutor é do mesmo grupo ou nível social, se pertence à hierarquia superior ou inferior, se está relacionada a laços afetivos ou não. A palavra constituída em enunciados falados ou escritos mantém uma relação de sujeito com o outro ou os outros pelo dialogismo interativo.

Segundo Bakhtin (1997, p. 113), “Toda palavra define-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros.”, este outro é identificado na função autor como representante discursivo dos atravessamentos das ideologias sob as formações discursivas em que ao lançar a palavra ao outro interfere e sofre interferência discursiva com relação a si mesmo e com relação ao outro. As ideologias institucionalizadas através do discurso utilizam a língua como sistema contínuo de linguagem para se perpetuarem através da palavra ou o enunciado diante da cena entre o eu e o outro para mascarar todas as diferenças sociais existentes na sociedade.

A alteridade, ou seja, o discurso do outro está presente no inconsciente do sujeito como o outro que eu não conheço, e também está presente no exterior pelo social identificado como o outro que é diferente de mim, ambos interligados pela interação de enunciados pelo diálogo. Segundo Bakhtin (1997, p. 147), “Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores.”, palavras prontas para serem utilizadas no resgate das ideologias já-ditas arquivadas na memória em que ao trazer para o enunciado no ato de fala são palavras que constitui enunciados formadores de um discurso vivo, ou seja, é uma ideologia viva sendo reproduzida pelo sujeito com a falsa impressão de liberdade de pensamento e expressão, mas apenas está sendo mais um, diante de milhões, na ordem do assujeitamento discursivo.

O discurso outro está para o sujeito referindo-se ao interdiscurso de Pêcheux e o discurso disperso de Foucault em uma interação dialógica social contínua encontrada em vários gêneros discursivos. Conforme Bakhtin (1992, p. 301), “O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero discursivo.”, que se refere aos diferentes tipos de enunciados, expressão ou

diálogos verbais em que inclui os discursos orais e textuais em uma variedade muito grande de gêneros narrativos, discursivos e argumentativos, como exemplo o conto, diálogo, discursos políticos, discursos irônicos, contrato, ensaio, novela... Os gêneros se apresentam sob formas de discursos cotidianos até os mais elaborados como os gêneros literários, científicos e outros. Como afirma Bakhtin:

> Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, advinhar-lhe o volume (extensão aproximada do todo discursivo), a data estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, envidenciará suas diferenciações. (BAKHTIN, 1992, P. 302)

O sujeito e o outro se utilizam dos mais variados gêneros discursivos em meio a temáticas de interesse deles. Conforme a necessidade do sujeito, pode haver um ou vários gêneros discursivos em jogo em determinado diálogo, eles oscilam de acordo com a intenção dos falantes. Quanto mais gêneros discursivos os sujeitos tiverem conhecimento, melhor será o seu desenvolvimento em diversos tipos dialógicos. Os gêneros discursivos se apresentam como enunciados fixos, estáveis pertencentes a determinados padrões, modo e estilo a que pertence esse gênero como por exemplo um gênero discursivo cotidiano, terá as mesmas características do gênero a que pertence.

Para Bakhtin (1992, p. 281), os gêneros discursivos são divididos em dois grupos, o grupo primário (simples) referente aos que pertencem às circunstâncias espontâneas em meio à realidade do sujeito, já o grupo secundário se insere no discurso mais complexo, mais rebuscado como o romance, texto científico e etc. Os gêneros discursivos primários tem a flexibilidade de passar para o gênero discursivo secundário. Os sujeitos usam os gêneros discursivos conforme o seu meio social e utilizam de várias formas. Nesse sentido, os discursos estão dispersos no contexto social nos mais diversos gêneros discursivos em que através da heterogeneidade discursiva o sujeito é construído e constrói com o discurso outro a partir dos discursos já ditos/memória/pré-construídos presentes no interior do sujeito.

A heterogeneidade discursiva é representada pelos diferentes discursos e se referem aos discursos institucionalizados e manifestados por cada sujeito nos mais variados gêneros discursivos como exemplo tem-se o discurso religioso expresso nos gêneros discursivos humorístico, político crítico, literário, científico dentre outros.

Observa-se que o mesmo discurso institucionalizado pode aparecer em diferentes contextos e formas de gênero discursivo, por um ou vários sujeitos outros.

Os discursos institucionalizados, em sua aparição sob os gêneros discursivos, se renovam e se ressignificam quando se cruzam através da heterogeneidade discursiva em que coloca em cena o sujeito e o sujeito outro para a realização do diálogo ou realização de vários tipos de discurso. Em cada ato de fala ou ato escrito trazem a tona vários tipos de enunciados construídos pelo sujeito e outro ou outros sujeitos, explicitados na voz do sujeito na função autor, esse mesmo processo acontece com a construção discursiva pelos sujeitos outros. É tendo a presença do outro que o sujeito se constitui como sujeito discursivo. É tendo o outro como referência que o sujeito se reconhece, em sua função autoria, como sujeito.

O outro, identificado como vozes explícitas e implícitas no discurso oral ou textual, está presente na heterogeneidade discursiva subdividida em a heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada podendo aparecer de forma marcada e não marcada: a heterogeneidade constitutiva se refere ao discurso, enunciado ou palavra organizado a partir da formação discursiva construída pela presença do outro na subjetividade do sujeito que constitui seu discurso a partir do pressuposto que todo o discurso do sujeito se apoia em um outro já dito guardado como memória ou pré-construídos e são ressignificados no acontecimento. Segundo Authier-Revuz (1990, p. 32), a heterogeneidade constitutiva diz respeito aos “processos reais da constituição dum discurso.” no campo subjetivo do sujeito. Aqui, a função sujeito organiza a fala a partir dos discursos adquiridos da interação que teve, mas que estão guardados para a constituição de outros discursos também com a presença do outro.

Logo, as vozes discursivas do outro se apresentam dentro do sujeito, ou seja, em sua subjetividade.

A heterogeneidade discursiva mostrada se divide em marcada e não marcada e se apresenta, segundo Authier-Revuz (1990, p. 26), como “formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso”, ou seja, é o resgate das vozes do outro presente na heterogeneidade constitutiva, que se encontra na subjetividade do sujeito mais a soma das vozes no plano social, exterior ao sujeito.

A heterogeneidade discursiva mostrada e marcada se refere ao discurso mostrando as vozes discursivas, ou seja, a presença do outro pelo uso de “aspas”

ou “discurso direto, ou indireto”, por exemplo, o sujeito na função autor escreve um texto ou discursa oralmente sobre determinado assunto e no desenvolvimento da fala ou texto insere, a sua fala ou texto, discursos de outros sujeitos ou lugares que são facilmente identificados na fala ou no texto pelo uso de “aspas” ou “discurso direto, ou indireto”.

A heterogeneidade discursiva mostrada e não marcada diz respeito a voz ou vozes discursivas do outro, mas que não aparece identificada no texto de forma explícita, apenas é identificado no discurso indireto livre em que exigem muita atenção para sua identificação. Com exemplo, o discurso irônico oral ou textual em que há presença de vozes polêmicas de discursos outros, mas não aparecem de forma expressa, são identificadas pelos indícios de vozes discursivas indiretas livres observadas pela sensibilidade e sabedoria de quem as identifica, pois estão implícitas.

A polifonia é um exemplo de heterogeneidade discursiva mostrada e não marcada que está presente no diálogo, conforme Bakhtin, como vozes polêmicas contraditórias, a polifonia com relação à contradição de pensamentos, ideias, opiniões, pontos de vista, ideologias entre outros. Segundo Bakhtin (2002, p. 4), “a multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade...”.

Esse olhar novo de Bakhtin enfatizando as vozes plurais contraditórias entre si, ou seja, a polifonia em que é tida como transportada para o diálogo considerando parte de um discurso em que as vozes não são marcadas e estão implicitamente como vozes polêmicas presentes principalmente em textos que há ironia. A polifonia, ou seja, as vozes polêmicas aparecem no discurso como discurso outro que é diferente, mas que tem o mesmo teor de importância no desenvolvimento discursivo. Em oposição à polifonia, tem-se a monofonia que deixa transparecer apenas uma voz dominante e as outras apenas como pano de fundo ou suporte para que a voz de maior domínio apareça.

Todas as vozes discursivas, nos mais variados gêneros, sejam elas constitutivas referentes ao discurso interior no subjetivo do sujeito, sejam elas marcadas e não marcadas no meio social que, atravessadas pelas vozes polêmicas, contraditórias e dominantes, representam os discursos institucionalizados mascarando as ideologias num plano material, físico, ou real sendo utilizados como instrumento da prática política, como também instrumento de poder por cada sujeito

em contato com outro ou outros sujeitos em uma relação de interação dialógica desencadeando assim momento de autoidentificação com relação à ideologia do outro, que configura a relação de alteridade.

A identidade é construída na interação dialógica entre eu/mim e o (s) outro (s) entre um enunciado e outro, pelo seu ressignificado no acontecimento discursivo, através do posicionamento dos sujeitos frente a uma ou várias ideologias normatizadas sob a forma de discursos institucionalizados que se apresentam sob a forma de gêneros em um movimento de vozes heterogêneas abrangendo a polifonia como vozes polêmicas e contraditórias e vozes monofônicas em que há apenas uma voz dominante, ambas em uma relação de dominação e de poder econômico e não econômico dentro de um contexto histórico social de uma época. A identidade é formada por várias ideologias sob as formas do discurso ocultando as diferenças sociais por uma “aceitação” ideológica que envolve relação de poder e dominação no interior das classes sociais.

O discurso é o lugar em que as diferenças sociais e de poder se manifestam e as identidades são constituídas e manifestadas. Segundo Pêcheux (1960, p. 25-26), “Se é sob a forma geral do discurso que estão apagadas as dissimetrias e as dissimilaridades entre os agentes do sistema de produção, sem dúvida isso não se produz de modo implícito”, as diferenças de poder, de classe, de gênero, de cultura, de informação, dentre outros se produz e se mantém pelo discurso, mas que não são mostradas de forma explícitas. É no discurso e pelo discurso, através do dialogismo interativo entre sujeitos, que as diferenças sociais se manifestam explicitamente, como também implicitamente pela comparação ideológica a partir de discursos que inclui e exclui.

Segundo Foucault (1996, p. 9-13), a exclusão acontece pelo discurso interditado se ferindo ao discurso do louco, pelo discurso que separa e rejeita e pelo discurso verdadeiro e falso. É através dos discursos de exclusão que as diferenças expressam o poder dos discursos institucionalizados e servem de parâmetro modelista para a constituição de uma identidade nos ideais sociais. Considerando o ponto de vista do poder, a identidade é definida:

> Tendo como efeito a constituição de uma identidade. Pois minha hipótese é de que o indivíduo não é o dado sobre o qual se exerce e se abate o poder. O indivíduo, com suas características, sua identidade, fixado a si mesmo, é o produto de uma relação de poder que se exerce sobre corpos,

> multiplicidades, movimentos, desejos, forças. (FOUCAULT, 1990, p. 161-162)

A identidade do sujeito é materializada no tempo, no espaço e na história, se constitui por um movimento discursivo que transmite e recebe ideologias e poder, estes são responsáveis pelas diferenças discursivas entre sujeitos ao desencadear a transmissão de múltiplas facetas identitárias mutáveis, flexíveis e fluidas, no acontecimento de um novo ato discursivo. Assim como os discursos, as identidades são dispersas e sujeitas a flexíveis mudanças ao se depararem com outra, posto que tanto pode influenciar ou sofrer influência, por exemplo, de um contexto histórico social e econômico.

O discurso como manifestação de identidade fluidas, flexível e mutável é trabalhado por Stuart Hall a partir de uma perspectiva a que ele chama de pós-modernidade, relacionada à economia global e intercultural em um ambiente dialógico presencial e virtual através do discurso intercambiável pela expressão de faces identitárias discursiva a partir da segunda metade do século XX, para ele:

> O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2001, p.12).

A identidade, a partir do ponto de vista de Hall, é resultado do contato entre diferentes identidades dispersas, fragmentadas e misturadas em vários tipos de culturas intercambiáveis que se relacionam entre si. Os discursos formadores de identidade estão cada vez mais fragmentados e com carga de inovação de conhecimento de outras culturas, seja através de transporte físico, seja pelo uso da internet que possibilita viagens virtuais pelos conhecimentos e espaços virtuais de integração cultural online.

Essa dispersão e fragmentação, em todos os níveis discursivos, provocam no sujeito uma identidade sem referência, desencadeando várias faces identitárias que se encontram em um processo inacabado, contínuo pelas mudanças de contextos sociais. Segundo Hall (2001, p. 13), a identidade é definida

“historicamente, e não biologicamente”, pois é pelo registro da passagem do tempo em vários séculos que a identidade traçou o seu histórico de mudanças se manifestando de múltiplas faces.

Segundo Bauman (2005, p.19), “As “Identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta”, devido às múltiplas faces de se expressar. A dispersão flutuante identitária está relacionada às opções de escolha, devido ás diferenças existentes entre as identidades. Para Bauman (2005, p. 17), “Tornando-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis”, em meio às escolhas pelo pertencimento ou pela diferença. Nesse sentido, as formas negociáveis, mutáveis, flexíveis e fluidas em que as identidades se manifestam acontecem devido às diferenças discursivas que favorecem uns discursos e excluem outros e que são bem trabalhados pelos discursos institucionalizados mascarando a ideologia e o poder dominante, que se apresentam como discursos, a partir de uma visão filosófica que dita vários padrões culturais em um movimento de expressão de múltiplas identidades fluidas.

Os principais teóricos da AD são: Michel Pêcheux sendo fundador e teórico da Análise do Discurso nos três momentos (AD-1, AD-2 e AD-3), Michel Foucault (teórico do discurso que vem a somar com Pêcheux no segundo momento (AD-2) através do conceito de formação discursiva) e Mikhail Bakhtin (teórico da heterogeneidade discursiva contribuindo com o conceito de dialogismo, como também com o da polifonia referindo-se a diversas vozes, ambos fazendo parte do terceiro momento (AD-3)). A partir do estudo desses três autores, a AD continua sendo desenvolvida e reinterpretada pelos novos estudos contemporâneos.

Michel Pêcheux (1938-1983) foi um filósofo francês. Estudou filosofia junto com o Louis Althusser na École normale supérieure, na França, no período (1959-63). Desenvolveu a Teoria Análise do Discurso de linha francesa, na década de 1960, sobre a materialidade ideológica, chamada discurso, a partir dos campos de conhecimento do tripé Linguística, Materialimo Histórico e Psicanálise. Suas principais obras são *Semântica e Discurso – uma críica a afirmação do óbvio*; *Por uma análise automática do discurso* (Uma introdução à obra de Michel Pêcheux); *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Sua contribuição para AD foi a referida teoria

fragmentada em três partes e reunidas na obra *Por uma análise automática do discurso* onde o discurso é objeto de estudo e de análise.

Michel Foucault (1926-1984) foi um filósofo francês. Lecionou como professor no Collège de France entre 1870 a 1984. Suas obras foram desenvolvidas em uma arqueologia do saber que se inicia com o filosófico e percorre a literatura, a análise do discurso dentre outros campos do conhecimento. Sua marca como filósofo e pensador do discurso se refere a uma relação de poder entre a governamentalidade e às práticas sociais influenciadas por uma ideologia controladora. Sua primeira obra *Doença mental e personalidade*, publicada em 1954, foi um trabalho a pedido de Althusser. Foucault apresenta várias críticas em suas obras sobre algumas práticas das instituições sociais relacionadas à psiquiatria, à medicina, às prisões, às suas concepções sobre a história da sexualidade e sobre sua teoria em relação ao poder presente no discurso. Contribuiu para AD-2 com o conceito de formação discursiva e seus estudos sobre os discursos em que mostra a materialidade do poder ideológico, transmitida pelo controle das instituições conforme a ordem do discurso implicitamente e explicitamente perante os sujeitos.

Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975) foi um filósofo russo. Estudou na Universidade de Odessa, logo depois na de São Peterburgo e formou-se em História e Filologia em 1918. Na década de 1920, ele já era bem conhecido entre intelectuais e artistas, ocupava vários cargos de ensino, em Vitebsk, e pertencia a um grupo chamado ‘círculo de Bakhtin’, nesse círculo havia ideias bem inovadoras e criativas para a época, mas só ficou conhecido pelas obras quando estudiosos o redescobriram na década de 1960 e 1970. Suas principais obras são *Freudismo; Marxismo e Filosofia da Linguagem; Cultura Popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais*; *Estética da Criação Verbal*; *Problemas da poética de Dostoiévski*; *Questões de Literatura e de Estética.* Seus trabablhos são muito importantes nas áreas de linguagem, sociolinguística, teoria literária, crítica literária, semiótica e análise do discurso. O referido autor contribuiu para AD com os conceitos de dialogismo desenvolvido na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagemn* e o conceito de polifonia presente na obra *Problemas da poética de Dostoiévski*. Esses conceitos são identificados na heterogeneidade discursiva da AD-3.

A seguir colocaremos um gráfico que possibilita visualizar as bases da AD (através dos retângulos em negro); os variados discursos advindos dos Aparelhos Ideológicos de Estado (em várias cores) estabelecendo um enunciado dialógico

tanto com o que está “fora” (as bases da AD) como com a figura na parte interior do gráfico, a qual demonstra a interação entre um grupo de pessoas.

Esta construção discursiva demonstra o que dissemos no capítulo sobre as relações entre o intradiscurso, o interdiscurso e as vozes polifônicas que podem estar presentes em um enunciado.

Formação Discursiva, Dialogismo e Alteridade constroem a IDENTIDADE

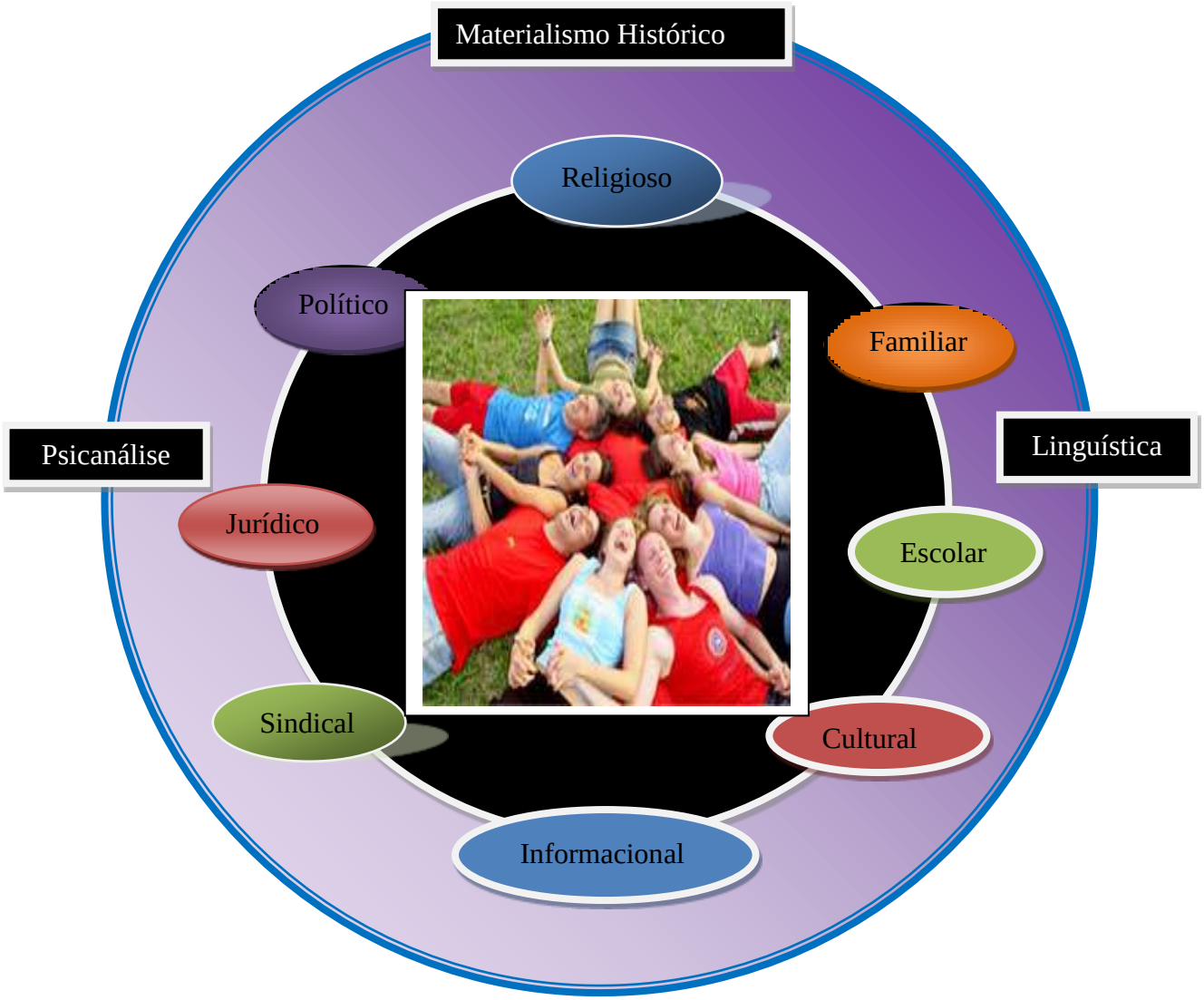


GRÁFICO: Autoria própria
FONTE DA IMAGEM: http://images.search.conduit.com/ImagePreview/?q=comunidade&ctid= CT 3242335&SearchSource=10&FollowOn=true&PageSource=Results&SSPV=&CUI=UN44507632327612262&UP=&UM=&start=0&pos=32 em 15/04/2013.

CAPÍTULO II

MÍDIAS E LINGUAGENS

As mídias estão presentes em todos os lugares, tanto em ambientes mais requintados como nos mais simples. São utilizadas em vários sentidos, um de seus conceitos refere-se a:

> “Todo suporte de difusão da informação que constitui um meio intermediário de expressão capaz de transmitir mensagens; meios de comunicação social de massas não diretamente interpessoais (como p.ex. as conversas, diálogos públicos e privados) [Abrangem esses meios o rádio, o cinema, a televisão, a escrita impressa (ou manuscrita, no passado) em livros, revistas, boletins, jornais, o computador, o videocassete, os satélites de comunicações e, de um modo geral, os meios eletrônicos e telemáticos de comunicação em que se incluem tb. as diversas telefonias.] (HOUAISS, 2010).

Nesse sentido, a mídia é um meio, espaço ou canal que serve como veículo de comunicação para que a informação seja transmitida. Ela pode ser representada deste os instrumentos mais simples como pincel, papel ou como mais sofisticados: computador, o rádio, os livros etc, utilizados para a comunicação entre uma ou mais pessoas. A televisão é um exemplo de uma mídia que transmite as informações dos acontecimentos do dia a dia na sociedade, mas não interage diretamente com seus telespectadores já que estes não podem alterar sua programação. Já o computador é uma mídia que, interligado a internet, é um poderoso instrumento de interação entre sujeitos com o mundo. A internet é um conjunto gigantesco de redes, em dimensão mundial, cada rede corresponde a vários pontos de conexões que se comunicam entre si, as sociais são as que conectam pessoas.

Do ponto de vista social, segundo Castells (1999, p. 247), a Internet oferece “uma das mais consideráveis demandas latentes na sociedade: a demanda por livre expressão interativa e pela criação autônoma, hoje distorcida pelo pensamento esclerosado dos meios de comunicação tradicionais”, uma parcela da sociedade acredita que essa possibilidade de reflexão, por meio da Internet, vem trazendo um avanço social, político, econômico e de poder, visto a quantidade de informações veiculadas na Internet em várias redes, as quais contribuem para que o sujeito adquira uma visão político crítica, isso atribuído ao compartilhamento de informações políticas e econômicas, em várias relações de poder e de dominação entre os internautas, em vários níveis e formas de linguagem.

Para Lévy (1993, p.102), “O suporte da informação torna-se infinitamente leve, móvel, maleável, inquebrável. O digital é uma matéria, se quisermos, mas uma matéria pronta a suportar todas as metamorfoses, todos os revestimentos”, é um ambiente transformável em um lugar de comunicação, mas também em um potente instrumento para benefícios e malefícios que por meios de múltiplas facetas da linguagem discursiva se expressa em sua mais singela forma ou no mais temível poder pela carga semântica ideológica que se encontra em cada palavra, enunciado, discurso.

Conforme Lévy (1993, p. 121), “um modelo digital não é lido ou interpretado como um texto clássico, ele geralmente é explorado de forma interativa.”, devido vir acompanhados de discursos dinâmicos envolvendo textos, imagens, sons, sinais etc. tornando então essa comunicação discursiva ainda mais dinâmica em redes sociais da Internet.

O surgimento da origem da Internet remonta o contexto histórico, político e social da década de 60 por uma necessidade de comunicação em grande escala do ponto de vista político. Foi a partir desta década que houve um incentivo ao desenvolvimento de um dispositivo que transmitisse a informação a partir da decodificação de vários códigos linguístico-fonológicos, já utilizados pela transmissão de informação via rádio, mas mesmo assim necessitava-se de um alcance ainda maior.

Com o avanço tecnológico em muitas etapas, a rede responsável pela decodificação de códigos só recebeu o nome de Internet a partir da década de 70 e 80, nesse período surgia a Internet como uma rede de conexões construída pela primeira vez na história mundial, mas foi na década de 90 que o boom da rede ganhou reconhecimento mundial devido à entrada da sigla www significando word wide webe que no idioma português significa Mundo, Grande, Teia, como também a entrada da sigla Http referindo-se a um sistema responsável pela comunicação entre sites, entre locais no idioma português, e a entrada do HTML responsável pela codificação desencadeando a criação de sites na Internet. Estas três siglas, no campo tecnológico virtual, foram e são responsáveis pela revolução mundial no fim do século XX e início do século XXI por possibilitar o fluxo de informação mundial em uma rede de escala mundial. Segundo Wikipédia (2013), “A Internet é o maior conglomerado de redes de comunicações em escala mundial, ou seja, vários computadores e dispositivos conectados em uma rede mundial”, marcada como o

lugar no qual acontecem vários fenômenos sociais, políticos, de dominação e de poder.

É o espaço em que o discurso difundido pode se tornar um aliado ou um inimigo muito preocupante no meio de grandes empresários e poderes de Estado devido o intercâmbio global entre culturas, economia e política em um tempo real. É também o local em que a “massa”, ou seja, a classe dos sujeitos pode se articular em uma organização local, regional, nacional ou mundial envolvendo uma ação conjunta virtual, mas sua realização se dá em lugares globalmente diferentes e presenciais no lugar a que pertence.

A internet, ramificada em diversas redes sociais, mostra uma nova face de mudanças culturais identitárias globais no mundo pós-moderno, segundo Hall:

> O sujeito assume identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2001, p. 13)

Essa noção consciente de uma identidade fragmentada, fantasiosa e imposta pela cultura ainda é pouco compreendida. Cada identidade está para cada discurso que está para cada ideologia, ou seja, a identidade, o discurso e a ideologia tem um imbricado de significações, sendo constituída pelos discursos dispersos em uma dimensão espacial histórica e social, organizada pelo sujeito tornando-a ressignificativa apenas no acontecimento de sua volta, após sua aparição, contudo, ela volta a ficar dispersa no tempo e no espaço até que um novo ressignificado em outro momento temporal, espacial e histórico aconteça.

É, pois, a partir desse ponto de vista, que a identidade é vista como fragmentada, flexível, mutável e fluida, é resgatada da memória, apenas, no momento de seu surgimento, interfere e recebe interferência frente a outras identidades contrária a si ou não. Este conceito de identidade fluida e mutável de Hall é perceptível nas interações em diversas redes sociais na Internet.

Reflitamos, contudo, que o conceito de Redes social, como pontos de conexões, também é visto pelo contato de um sujeito com outros indivíduos, em ambiente presenciais, através de vários tipos de relações como: familiares, de

amizade, pessoal, amorosas, profissionais, econômicas, políticas, religiosas, dentre outras, compartilhando valores, ideologias, ideias, objetivos e interesses afins. Uma rede social está sempre entrelaçada em várias outras redes sociais em uma relação de interdependência que segundo Marteleto (2001, p.72), representam "[...] um conjunto de participantes autônomos, unindo idéias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados", até chegar nesse estágio o sujeito recebe orientação e estímulo desde pequeno em um ambiente presencial e posteriormente, possivelmente, acrescenta o virtual. Nesse sentido, a estrutura em redes sociais já existe desde sempre.

O sujeito depara-se com redes sociais, cada uma oferece um tipo de serviço interativo de acordo com o que se propõe. Nestes espaços, ele se depara com um mundo virtual a sua disposição. A mesclagem destes dois mundos já está fazendo parte da vida de milhares de sujeitos em países democráticos.

Sabemos que ainda existem países em que a Internet não é autorizada para que sites interativos e redes sócias não interfiram no poder ideológico que há em formas de regime de governo como: Irã, Arábia Saudita, Paquistão, Iraque dentre outros, geralmente de religião islâmica.

Diferentemente dos países que adotam religião islâmica, o governo de Cuba (embora não vinculado à religião), também limita o acesso da população à internet. Assim como os outros países, Cuba restringe o acesso da população pelo bloqueio de pontos de acesso vinculados aos serviços da Internet. O governo cubano, assim como os governos de religião islâmica, monitora os sujeitos internautas pelo IP (identificação de cada computador ligado à Internet). Porém, há exemplos de situações atípica com relação ao acesso à Internet, como a burlação do sistema por Yoani Sánches (Havana, 1975), filóloga e jornalista pela Universidade de Havana em Cuba, caso internacionalmente conhecido devido ao seu blog chamado *Generación Y,* de caráter político crítico, em que constam artigos e críticas sobre a questão social referente ao governo de Fidel Castro e de seu sucessor Raúl Castro, acessados pelos internautas na Internet.

É grande a importância das redes sociais na nossa época, principalmente devido a estarem em processo de adaptação, acompanhando as transformações na economia, na política, nos relacionamentos sociais ou profissionais, os amorosos, e outros a longa distância. Segundo o pensamento de Recuero:

> Compreender essas redes é essencial, portanto, para compreender também a apropriação da internet como ferramenta de organização social e informação contemporânea. É essencial para compreender os novos valores construídos, os fluxos de informação divididos e as mobilizações que emergem no ciberespaço. (RECUERO, 2009, p. 164)

A compreensão a partir de um olhar pós-moderno considera as múltiplas faces identitárias por dois mundos interfacetados, o que se vivencia do ponto de vista real presencial e o real pelo mundo virtual. As consequências são muitas, o contato com o ambiente virtual possibilita ao sujeito se tornar autoditada, criador, tornar-se centro do seu conhecimento, bem como desfrutar de benéficos como aprendizado escolar com pesquisas virtuais em ambientes de aprendizagem de sites educativos específicos. Também são consequências deste universo virtual o surgimento de novos campos de trabalho, a necessidade de adaptação às empresas fortemente marcadas nas múltiplas conexões globais. Faz-se necessário que os sujeitos se incluam em processos contínuos de formação para estarem inseridos neste universo globalizado.

Nesta parte do capítulo fizemos um resgate e um breve comentário sobre as principais redes sociais e analisamos o Facebook, já que, como dissemos anteriormente, ele também é objeto de nossas análises. Logo, nos deteremos em cada espaço disponibilizado por esta Rede aos seus usuários.

A origem das redes sociais remonta o final da década de 90, com o surgimento do correio eletrônico chamado e-mail, lançado pouco tempo depois do surgimento da Internet, mas foi a partir de 1995 que ela recebe o título de primeira rede social pela chamada ClassMates.com:

1995 – CLASSMATES.COM

FONTE: **http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/07/historia-das-redes-sociais.html**

A ClassMates.com é uma rede de formato simples, apenas para reunir amigos e estudantes. Esta rede esteve presente nos Estados Unidos e no Canadá e ainda permanece ativa na Internet.

1997- SIX DEGREES

FONTE: http://images.search.conduit.com/ImagePreview/?q=1997-%20SIX%20DEGREES&ctid=CT3242335&searchsource=10&CUI=UN44507632327612262&start=0&pos=30

Em 1997, Six Degrees surge como o formato de rede social que conhecemos hoje, ela foi a primeira rede social que possibilitou a interação entre os internautas, o registro de seu perfil, publicações em “murais” e envio e recebimento de mensagens.

2002 - FRIENDSTER

FONTE:**http://images.search.conduit.com/ImagePreview/?q=FRIENDSTER&ctid=CT3242335&searchsource=10&CUI=UN44507632327612262&start=0&pos=9**

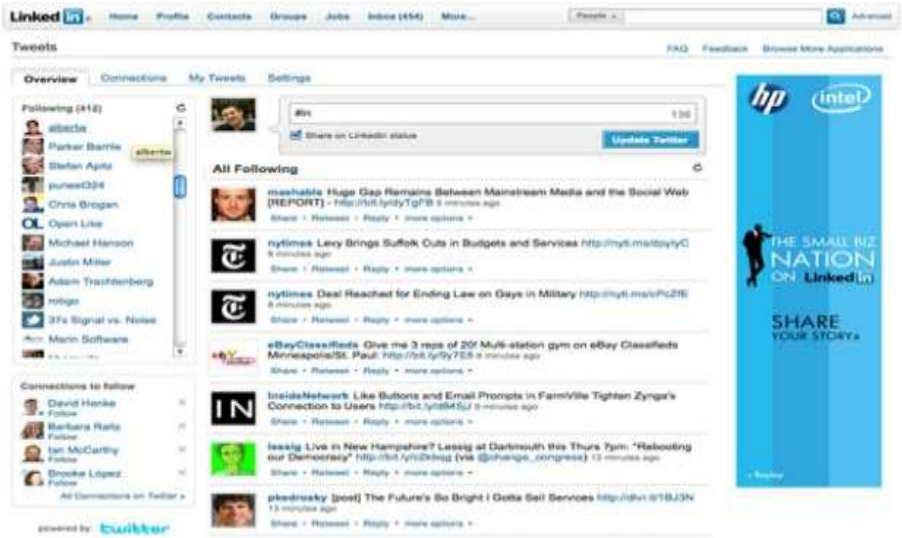
Em 2002, a rede social Friendster se destaca por apresentar uma perspectiva interativa em “círculos de amigos”. Entre outras redes dessa época, a Friendster alcançou o sucesso até a chegada de redes mais modernas.

2003 - MYSPACE

FONTE: http://www.natanaeloliveira.com.br/wp-content/uploads/2011/03/interface-rede-social-my-space.jpg

Foi em 2003 que surgiu a rede social MySpace, conhecida também como rede social e site multimídia por oferecer o que as redes sociais, até então ofereciam, e acrescentar a integração entre músicas, fotos, e-mail, fóruns e blogs.

2003 -LINKEDIN



FONTE: http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/07/historia-das-redes-sociais.html

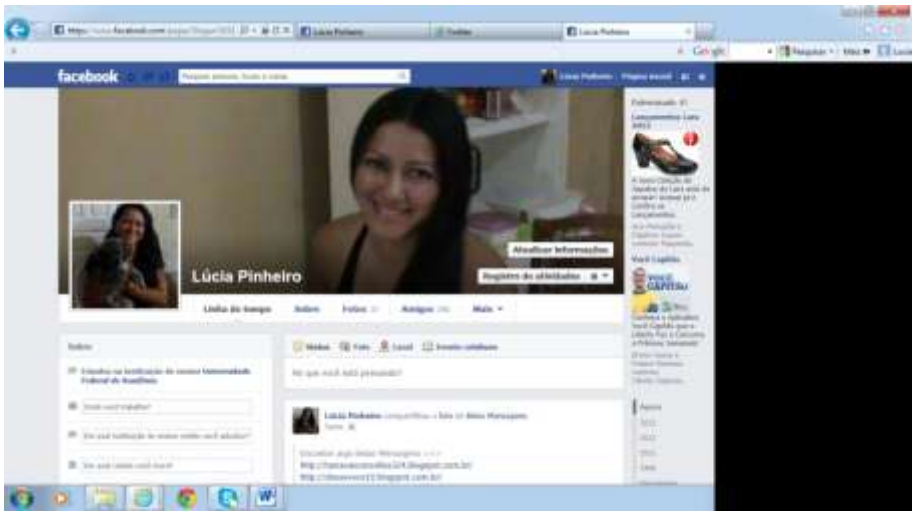
Em 2003, a rede social LinkedIn nascia no mesmo ano que MySpace, mas com uma proposta nova, diferente, pois veio com o objetivo de unir profissionais por um contato de amizade, visando um público específico, portanto é caracterizada por acessos de amigos do campo profissional. Era o início de sites segmentados visando o relacionamento de público específico.

2004 – ORKUT

FONTE: http://www.orkut.com.br/Main#Home

Em 2004 a rede social Orkut, vinculada ao Google, aparece também com o objetivo de estimular e manter relacionamentos entre pessoas oferecendo interações multimiáticas e outros serviços interativos. Seus serviços, no Brasil, atraiu muitos seguidores, contudo, ultimamente não é muito frequentada devido ao surgimento da concorrente Facebook.

2004 – FACEBOOK



FONTE: https://www.facebook.com/#!/lucia.pinheiro.543

Em 2004, o site e rede social Facebook é lançado interconectado com outras redes sociais oferecendo interações multimidiáticas entre imagens, textos verbais, músicas, animação, vídeo, editoriais, etc. O Facebook só chegou ao alcance dos países, em caráter global, a partir do ano de 2006.

O Facebook é o lugar em que se realizou a análise (o *corpus)* desta dissertação, por isso, como ja dissemos, será detalhadamente explicitado. Ele funciona como um registro histórico político e social, no tempo e no espaço, de uma época que caracteriza a identidade como fluida, móvel, mutável e flexível, devido às alterações, a cada novo encontro, entre identidades direrentes. A análise foi realizada a partir dos movimentos discursivos, observando as nuances de formação ideológica e da formação discursiva que cada sujeito carrega consigo. Primeiramente vamos ao resgate hitórico de Rede.

A origem do Facebook como site e rede social remonta a data 04 de fevereiro de 2004 com o nome “The Facebook”, fundado pelo programador Mark Elliott Zuckerberg, pelo brasileiro empresário Eduardo Saverino, pelo desenvolvedor de sistema Dustin Moskovitz e pelo empresário Dustin Moskovitz, e tinha como objetivo inicial a reunião apenas de amigos do convício social da mesma universidade no sentido de que cada integrante da rede saberia o que os seus amigos faziam por informações deles mesmos.

A inserção para o usuário da rede social aconteceria pelo envio do convite virtual por quem já fazia parte da rede no período em que eles ainda eram estudantes da Universidade Harvard. O período da faculdade é o lugar temporal em que, segundo Kirkpatrick (2011, p.230), “as redes de relacionamento são mais densas, e é nessa época que as pessoas geralmente socializam-se com mais intensidade que qualquer outro momento da vida”, é na faixa etária estudantil que o sujeito se fixa sobre si mesmo com mais intensidade em um processo contínuo de construção e reconstrução identitário.

Em 2005, é descartado o “The” de seu nome original e o site e rede social é repaginado Facebook. Em 2006, houve a abertura para acesso de outras universidades e estudantes secundaristas e foi cada vez se desenvolvendo em modernização e tecnologia avançada para melhorar ainda mais a rede social conhecida mundialmente, ao tempo que os lucros desta empresa chegam a dezenas de bilhões. Para Kirkpatrick (2011, p.230), o autor do livro *O efeito Facebook,* “Muitas pessoas já não trocam endereços de e-mail e números de telefone celular, elas se procuram no Facebook... as pessoas que não estão no Facebook são consideradas, cada vez mais inalcançáveis por amigos desconhecidos.”, estar no Facebook é como se fosse existir no mundo virtual, é o DNA virtual para os sujeitos que já o aderiram como parte de suas realidades constituidoras de suas marcas

identitárias fluidas ao longo de sua vida. A rede social Facebook é gratuita para seus usuários e se mantém economicamente pelo espaço da propaganda que oferece aos seus patrocinadores; este espaço é muito disputado entre as empresas de grande e de pequeno porte.

Concluída esta etapa historiográfica, passemos a uma mostra dos lugares discursivos oportunizados pelos espaços dialógicos do Facebook.

REDE SOCIAL FACEBOOK: SISTEMA COMPLEXO DE UMA REALIDADE DISCURSIVA VIRTUAL A PARTIR DE UMA REALIDADE SOCIAL

1. INTERFACE INICIAL PARA CADASTRO

FIGURA 1 – Página de cadastro do Facebook (em 2013)

Para ter acesso aos serviços da rede social é necessário se cadastrar pelo preenchimento de alguns dados pessoais como o nome e o sobrenome, e-mail - endereço eletrônico e senha criada criados no momento do cadastro. Ao lado do cadastro, vem uma propaganda do próprio Fecebook sobre o diálogo na rede social conectada a operadoras de telefonia estimulando o acesso pelo uso de celulares.

2. SOLICITAÇÃO DE AMIZADE

FIGURA 2 – Página do Facebook com ênfase em Solicitação de amizade (em 2013)

Solicitação de amizade: O usuário tem a opção de aceitar, ou não, a solicitação de amizade enviada por outro usuário. É o espaço em que o sujeito seleciona o “amigo”, esta seleção é significativa pois demonstra o grau de interesse que o sujeito tem em relação ao outro, ou seja, serão selecionados os que tem mais afinidades, e excluídos os que tem menos.

Aqui os discursos começam a se estabelecerem, seja pela aceitação ou pelo cerceamento ao outro, nota-se que são aceitos aqueles da rede presencial e outros de acordo com as condições de produção do sujeito, isto é, indivíduos que tenham preferências afins como gosto por arte, literatura, música, língua, e outros “motivos” que estejam presentes nas necessidades do sujeito e consequentemente em concordância com sua formação discursiva. É neste espaço que a rede começa a ser tecida.

3. CAIXA DE ENTRADA: MENSAGEM

FIGURA 3 – Página do Facebook com ênfase em Mensagem (em 2013)

É o espaço para mensagens recebidas de outros usuários que fazem parte da rede do sujeito. Geralmente são mensagens curtas, avisos, lembretes ou apenas um cumprimento, como em todo o Face, é um linguagem simples e objetiva, mas também geralmente "codificada" por uma forma que somente o proprietário da página entende. Há uma opacidade na materialidade destes discursos já que todos sabem que são públicos.

4. NOTIFICAÇÃO

FIGURA 4 – Página do Facebook com ênfase em Notificação (em 2013)

É o lugar onde o usuário é informado sobre as atualizações em que foi marcado ou registrado.

5. ATALHO DE PRIVACIDADE

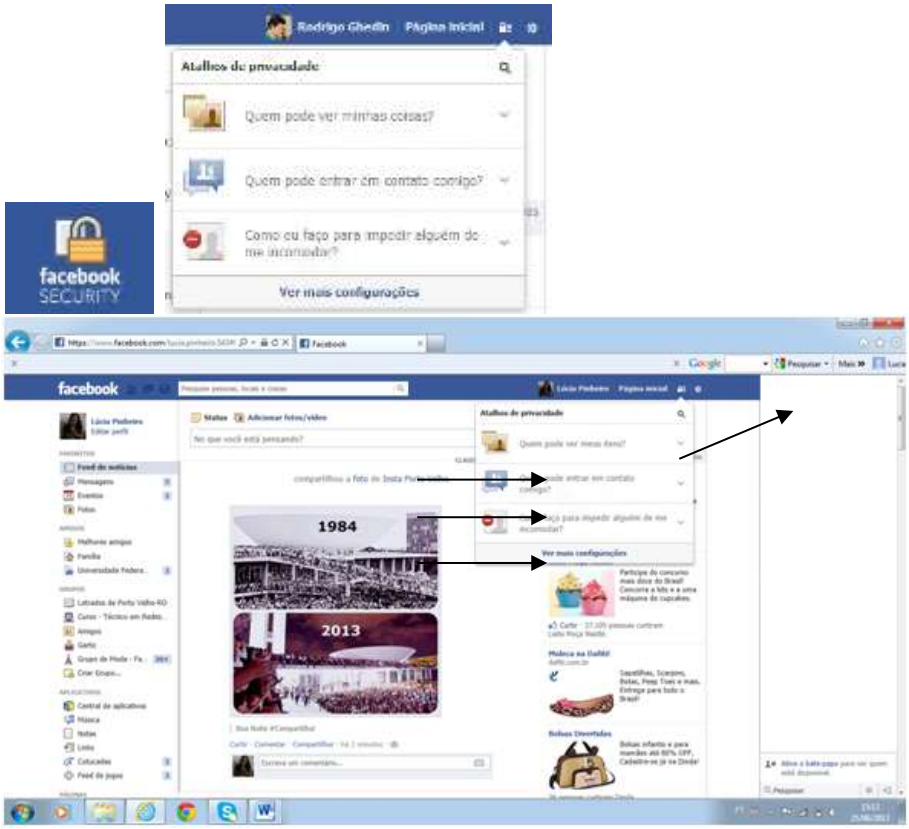


FIGURA 5 – Página do Facebook com ênfase em Privacidade (em 2013)

Este é o espaço em que o sujeito estabelece “limites” com relação aos amigos de sua rede, onde ele permite “quem” pode ter contato e ver os itens. A figura do cadeado funciona no sentido de cercear os discursos, isto é, somente é permitido ao escolhidos pelo sujeito, em sua função autor, estabelecer o dialogismo e a alteridade; tanto a opção inclusão como a exclusão caracteriza face identitária. À medida que apenas os outros sujeitos com afinidades, perceptíveis pela Formação Discursiva e ideológica, terão completo acesso à privacidade, conforme as opções do usuário.

6. ATUALIZAÇÃO RECENTE DE TODOS OS AMIGOS DO USUÁRIO NO TEMPO PRESENTE

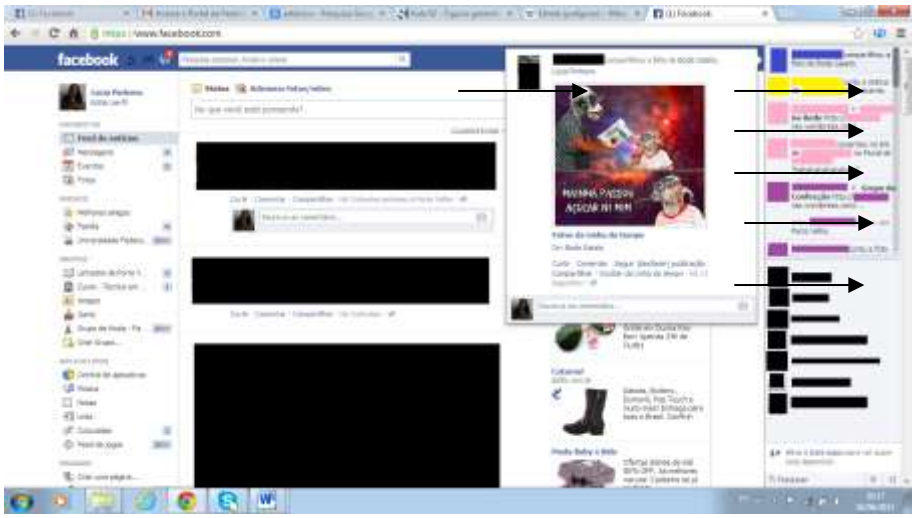


FIGURA 6 – Página do Facebook com ênfase em Atualizações (em 2013)

Do lado direito, a barra de rolagem refere-se às atualizaçõe de curtição (recurso utilizado como julgamento bom e aprovado em certos conteúdos de seus amigos), compartilhamento e comentário de foto, link, estatus (plublicação de cada uruário no “mural” ou no Feed notícias), fan page (página criada dentro do face utilizada pelas empresas, pessoas famosas, organizações e outros com o objetivo de interação com os usuários da rede de forma lucrativa ou não) e outros.

7. BATE PAPO

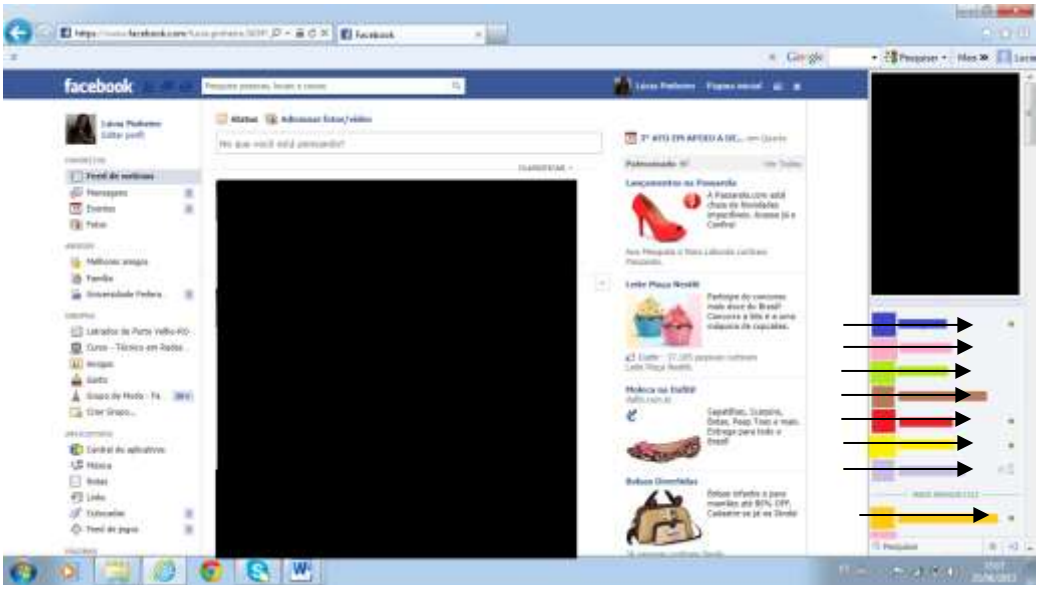


FIGURA 7 – Página do Facebook com ênfase no Bate-papo (em 2013)

O lado direito, a barra de rolagem permite o bate-papo com todos os amigos do Facebook. A bolinha verde indica que o amigo está online (ligado ou conectado em

tempo real na rede social). Os outros amigos identificados apenas como figura e nome são identificados como offline, mas também podem receber mensagens de usuários online.

Este é o lugar discursivo constituído pela interação verbal direta, os amigos trocam enunciados online ou deixam suas mensagens.

8. FEED DE NOTÍCIAS

FIGURA 8 – Página do Facebook com ênfase no Feed de notícias (em 2013)

O Feed de notícias é o lugar de alimentação ou atualização de todas as notícias do usuário e de todos os seus amigos na rede social. Aqui é onde os discursos exercem os seus mais temíveis poderes e as ideologias se confrontam não por contradição, mas por antagonismo devido à conceitualização filosófica que embasa cada uma. É onde os sujeitos, chamados também de atores, internautas e outros, interagem entre si compartilhando músicas, fotos, vídeos, postagens de todas as formas, curtição, comentários, etc. Segundo Kirkpatrick, o Feed de notícias é lançado no Facebook em 2006 com a finalidade de:

> E é exatamente assim que Zuckerberg vê o Feed de notícias: uma fonte real de notícias relevantes, tanto sobre seus amigos quanto sobre o mundo. [...] Eram informações cotidianas sobre o que seus amigos estavam fazendo e no que estavam interessados. Lembre-se da justificativa que Zuckerberg deu internamente para o Feed de notícias: “Um esquilo morrendo na frente da sua casa pode ser mais relevante para os seus interesses nesse momento do que pessoas morrendo na África”. Agora, todos os seus movimentos no Facebook podem se tornar notícias para seus amigos. (KIRKPATRICK, 2011, p.230).

É o lugar de veiculação dos poderes no interior do discurso em todas as suas instâncias tanto econômico como não econômico pelo desejo de poder, de vontades de verdade marcadas pelas diferenças ideológicas, é onde a identidade se torna fluida e flexível a cada novo contato discursivo, frente à identidade outra. É o espaço que reúne em um lugar só discursos contraditórios pela marcação da diferença entre verdades e mentiras, o novo e o velho, o belo e o feio, o sim e o não, o que manda e o que obedece, o que pertence a uma ideologia e o que pertence à outra ideologia etc. fazendo parte do processo contínuo da constituição identitária e ideologicamente tendo a impressão que ela é fixa e a-histórica pelo registro da memória. Lugar em que os poderes institucionalizados, em sua legalidade, aparecem sob a forma dos discursos institucionalizados ideologicamente mascarando as diferenças de poderes entre sujeitos pela alteridade discursiva fragmentada nas heterogeneidades discursivas presentes nas vozes dos mais variados gêneros textuais.

Devido aparecer como uma cadeia sistêmica ideológica e conceitual em que o poder ou ideologia de dominação maior se fragmenta em múltiplas partes menores, causa no sujeito a impressão de não ser assujeitado, mas na verdade ele é assujeitado a uma ou a várias ideologias porque não existe discurso fora da ideologia, e sim, discursos ideológicos em construção.

9. EVENTOS: ACONTECIMENTOS MARCADOS POR MANIFESTAÇÕES, ENCONTROS, SEMINÁRIOS, ANIVERSÁRIOS, ETC.

FIGURA 9 – Página do Facebook com ênfase em Eventos (em 2013)

É o espaço em que os eventos como aniversário, encontros em grupos, festas etc. estão registrados. A própria página que envia um informe lembrando ao usuário o acontecimento.

Discursivamente mostra uma face identitária visto que as escolhas feitas pelo sujeito demonstram suas preferências por cinema, teatro, musicais, etc., e "denunciam" seus olhares e participações.

10. FOTOS

FIGURA 10 – Página do Facebook com ênfase em Eventos (em 2013)

É o espaço que mostra as fotos publicadas e as que estão registradas como nas quais o usuário foi diretamente marcado.

11. APLICATIVOS

FIGURA 11 – Página do Facebook com ênfase em Aplicativos (em 2013)

Aqui é o lugar em que são encontrados vários aplicativos, segundo Wikipédia (2013), em 2007 “o Facebook lança *“Facebook Plataform”,* na qual prevê o framework para desenvolvedores criarem aplicações que interajam com outros recursos internos do Facebook”, a partir desta plataforma foi possível oferecer mais interação para os usuários, estimulando suas criatividades e dinamismo nos jogos e outras funções, tornando-os mais interativos e interessantes. Os aplicativos são programas do próprio Facebook responsáveis pela interligação entre outros programas para potencializar a interação dentro da rede social, eles são utilizados para promoverem interação ao ouvir música com os amigos, compartilhar o que estar lendo, jogos e outros, ou seja, ele é responsável pela interação em que o centro da informação está ligado ao aplicativo desencadeando a interação dinâmica.

12. MÚSICAS

FIGURA 12 – Página do Facebook com ênfase em Música (em 2013)

Este espaço para música é onde o usuário pode escolher ouvir, compartilhar e interagir com seus amigos.

13. NOTAS

FIGURA 13 – Página do Facebook com ênfase em Notas (em 2013)

Este local é utilizado para exposição de notas, como exemplo pequenos textos e comentários dos usurários.

É o lugar onde podem irromper traços de identificação ideológica mesmo que inconscientes, mas que demonstram os lugares dos sujeitos frente aos processos ideológicos.

14. FEED PÁGINAS

FIGURA 14 – Página do Facebook com ênfase em Páginas (em 2013)

É o lugar no qual se reúnem várias páginas de outras redes sociais e sites para que o usuário possa escolher, curtir ou colocar na sua linha de tempo (histórico de notícias e compartilhamentos) e outros.

15. CURTIR PÁGINAS

FIGURA 15 – Página do Facebook com ênfase em Páginas (em 2013)

É o lugar no qual se reunem várias páginas de outras redes sociais e sites em que o usuário possa curtir, navegar na página e outros.

16. CRIAR UMA PÁGINA OU CRIAR UMA FANPAGE

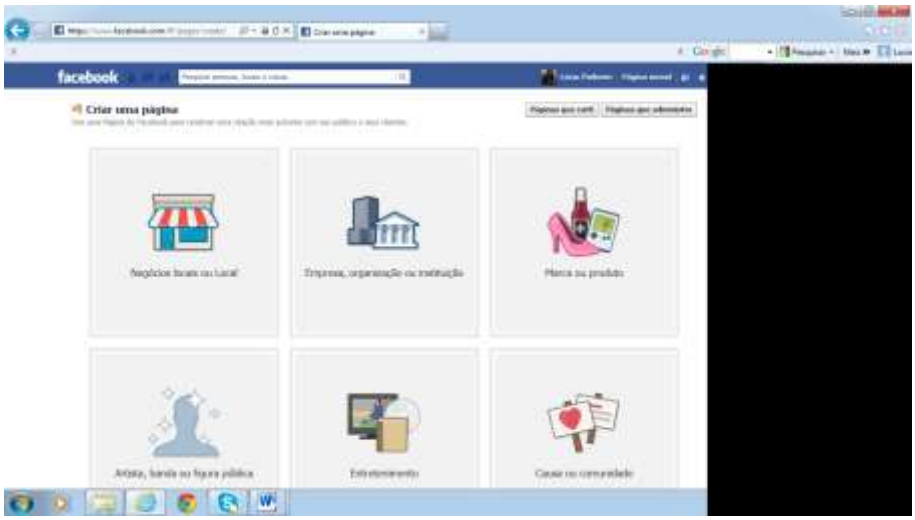


FIGURA 16 – Página do Facebook com ênfase em Criar página (em 2013)

Aqui, o usuário tem a opção de criar outra página dentro do próprio Facebook chamada Fanpage, em português como Página de fã. A Fanpage é usada para fins de propaganda, divulgação, como, por exemplo, a divulgação de blog, site ou mesmo sobre a própria vida do dono da Fanpage. Ela é veiculada na rede social dos amigos e em sua própria.

CAPÍTULO III

ANÁLISES DOS DISCURSOS DOS SUJEITOS DO FACEBOOK

O terceiro capítulo é de análise do *corpus* em que foram utilizados, a partir da Teoria Análise do Discurso, os mecanismos foucaultianos: princípios de **inversão**, **descontinuidade**, **especificidade** e a **exterioridade**. Estes são os norteadores da análise:

1) Princípio da **inversão:** considerar o discurso tanto do ponto de vista do seu aparecimento, como também o inverso, ou seja, o jogo negativo que ele possa configurar.

2) Princípio da **descontinuidade:** o discurso deve ser considerado como, segundo Foucault (2006, p. 52-53), **"**práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem.", em todas as suas instâncias de acontecimento.

3) Princípio da **especificidade:** conceber o discurso como uma prática, uma imposição do sujeito em todo o caso e que, segundo Foucault (2006, p. 53), "é nesta prática que os acontecimentos encontram o princípio de regularidade", ou seja, a regularidade discursiva é desencadeada a partir dos posicionamentos semelhantes discursivos pelo sujeito.

4) A **exterioridade:** olhar e considerar o discurso do ponto de vista exterior, de sua aparição, de seu acontecimento no momento presente e de sua regularidade, segundo Foucault (2006, p. 53), "passar às suas condições externas de possibilidade, àquilo que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e fixa suas fronteiras." na instância discursiva.

Nesse sentido, a oposição de cada um dos termos como: acontecimento à criação, série à unidade, regularidade à originalidade, condição de possibilidade à significação, foi ponto de análise da história tradicional. Na passagem de cada época, os ideais dos sujeitos se apoiavam no ponto de criação da obra de determinado autor, da unidade de uma obra, a partir de determinado tema,

representando uma época, marca da originalidade individual que identifique o sujeito e do interesse pelas significações até então ocultas na época.

Contrapondo os pontos de análise da história tradicional, a análise da história, praticada hoje, concebe os acontecimentos discursivos como efeitos discursivos, assim também como um largo campo concentrados neles mesmos. Os acontecimentos são como objetos de análise que se mostram como novo, superficiais e densos, com relação a sua nova aparição e significação.

> Certamente a história há muito tempo não procura mais compreender os acontecimentos por um jogo de causas e efeitos na unidade informe de um grande devir, vagamente homogêneo ou rigidamente hierarquizado; mas não é para reencontrar estruturas anteriores, estranhas, hostis ao acontecimento. É para estabelecer as séries diversas, entrecruzadas, divergentes muitas vezes, mas não autônomas, que permitem circunscrever o "lugar" do acontecimento, as margens de sua contingência, as condições de sua aparição. (FOUCAULT, 2006, p. 56)

Nesse sentido, o acontecimento ou o efeito se efetiva no âmbito da materialidade discursiva e o lugar do acontecimento consiste no entremeio da dispersão, recorte, seleção e acumulação discursiva. Os efeitos do discurso causam cesuras e rompimentos a cada novo acontecimento de sua volta desencadeando no sujeito múltiplas posições, funções, e interpretações ideológicas que ora se mostram regulares, fixas, estáveis e ora se apresentam descontínuas, fluidas e divergentes.

É considerando a Teoria Análise do Discurso os mecanismos de Foucault que iniciamos a análise do *corpus* sobre os recortes selecionados do Facebook nos lugares chamados "Feed de notícias" como espaços de alimentação ou atualização de todas as notícias do usuário e de todos os seus amigos na rede social. E também o espaço com o nome de "Mural" identificado como o lugar de posts que representam uma identificação selecionada do sujeito do Facebook. É na localização do "Feed notícias" e "Mural" que os discursos se mostram contraditoriamente através dos implícitos e explícitos, veiculados pelos discursos ideológicos e de poder, entre o sujeito e o outro que é diferente de mim em todas as instâncias discursivas.

Sujeito “1” (masculino) - DISCURSO RELIGIOSO

Mensagem: “Liberdade religiosa é isso...
Foi o exu caveira quem me deu.”

Sujeito “1”: “Exu... me dá um tb? Sou um bom garoto...ha.”

O enunciado do recorte mostra um diálogo do discurso religioso com outros discursos como ao que se refere aos discursos institucionalizados utilizados como

controlador ideológico do sujeito e como o desejo de poder a partir da materialidade econômica, exemplo o carro o qual deseja possuir em que o sujeito deixou transparecer pelo seu posicionamento discursivo.

O enunciado **“Liberdade religiosa é isso...”** remete a outros discursos institucionalizados ideologicamente marcados que tendem a servir como modelo para uma prática comportamental social sem que o sujeito perceba que está sendo assujeitado a esse discurso, como exemplo tem-se o discurso sobre do veículo. O **“dito”** reprime ou oculta os **“não ditos”** que são outras ideologias discursivas que poderiam ser manifestadas, mas não foram.

Tanto os **“ditos”** como os **“não ditos”** são utilizados para controlar culturalmente um sujeito, um grupo ou uma população inteira, ou seja, é através dos discursos expressos e implícitos, remetendo a lugares ideológicos, que as diversas diferenças sociais, linguísticas e culturais são colocadas em práticas numa sociedade utilizadas como características identitárias dos sujeitos. Voltando para a citação a acima e acrescentando o ponto de vista do diálogo de Bakhtin, a heterogeneidade discursiva, ou seja, as diferenças pela presença do outro no discurso são de responsabilidade das vozes polifônicas referindo-se às vozes contraditórias entre si ou da voz dominante que marcam a diferença enunciativa de cada sujeito. Vê-se que as vozes polifônicas estão presentes ao considerar a contrariedade entre a “Liberdade religiosa” e a “Não liberdade religiosa” e que a voz dominante é a voz explícita, ou seja, a que se posiciona a favor da afirmação do discurso na imagem. O discurso polifônico está sendo ressignificado pela voz dominante a partir do olhar do sujeito “1” no momento presente que considera como pano de fundo o contexto histórico, político, social, local e temporal de uma determinada época.

O segundo enunciado do discurso explicitado **“Foi o exu caveira quem me deu.”**, localizado no vidro que fica atrás do carro que também se encontra na cor branca, está dialogando com deuses ligados pela fé religiosa dos sujeitos. Os Exus, para a Umbanda, se referem aos espíritos de luz como equilíbrio universal, mas são confundidos com os Kiumbas, os espíritos de trevas. Em outro sentido, para o grupo étnico africano da Nigéria, a palavra Exu é o orixá (ancestrais divinizados) do movimento. Voltando ao discurso explicitado, nota-se que há uma interação dialógica pelos sentidos encontrados em vários discursos religiosos nos adesivos colocados no vidro de trás de carros como, por exemplo, **“Foi Deus quem me deu”**,

“Presente de Deus”, **“Deus é fiel”**, remetendo a uma justificativa religiosa para a posse do veículo desejado. Nesse sentido, a explicação da compra do veículo é resumidamente feita através do discurso religioso. Essa explicação oculta todas as outras que poderiam ser ditas como, por exemplo, a posse do veículo pelo esforço do trabalho, uma economia guardada entre outras justificativas que ficaram por dizer. Nesse discurso, o pano de fundo de uma ideologia e filosofia religiosa mostra que os sujeitos pertencentes a tais ideologias terão as suas realizações materiais. Ou seja, se o sujeito acreditar em Deus, terá os seus desejos econômicos realizados. A fundamentação teológica sobre Deus é transmitida historicamente no meio social através do discurso religioso institucionalizado com o objetivo de conquistar novos fiéis e manter os que são para, assim, controlar ou ensinar um comportamento conforme a doutrina religiosa escolhida.

O terceiro enunciado do discurso se refere ao do sujeito “1” explicitando **“Exu... me dá um tb? Sou um bom garoto...ha!”** que segundo Foucault:

> O discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 2006, p. 10)

Nesse sentido, o discurso se manifesta como o desejo de poder por um objeto da materialidade econômica, como o carro da figura acima. O discurso explícito como a materialização do “poder do qual nos queremos apoderar” mostra a posição discursiva do sujeito “1”, referente à ideologia **“Liberdade religiosa”** subentendendo que tal ideologia traz consigo uma fundamentação teórica e filosófica para legalizar sua existência mesmo que não esteja aos olhos ou consciência do sujeito no momento do ato discursivo. O sujeito “1”, ao expressar “**Sou um bom garoto...ha!”,** se mostra, através do discurso irônico religioso, conhecedor dos fundamentos ideológicos e filosóficos religiosos, como exemplo o discurso religioso prega que os fiéis devem ser bondosos dentre outros, como também expressa uma vontade, um desejo pela posse do veículo da figura acima sem explicitar pertencer a alguma ideologia religiosa. Assim, o discurso da figura acima mostra pelo discurso religioso uma realização pessoal dos que já têm o

veículo por meio da materialidade econômica. E também um desejo de posse aos sujeitos que ainda não adquiriram o veículo.

Os princípios utilizados foram os de inversão, descontinuidade e de exterioridade que se encontram dispersamente ao longo da análise.

Sujeito “2” (masculino) - DISCURSO RELIGIOSO

Mensagem: "A voz do povo não é a voz de Deus. Deus jamais falaria 'prástico', 'probrema', vai 'curintia' e 'framengo'."

Sujeito "outro" (masculino): "Pura verdade"

Neste recorte, as vozes polifônicas, presentes no enunciado, dialogam com outros discursos de outros lugares discursivos ideologicamente marcados a partir de várias formas como:

a) Ditado popular: A expressão **"A voz do povo não é a voz de Deus"** está implicitamente sugerindo que para compreendê-lo o sujeito leitor deve resgatar da memória outros discursos **"já ditos"** como, por exemplo, o ditado popular que diz: **"A voz do povo é a voz de Deus"**. Nesse sentido, há duas vozes antagônicas entre si, uma dizendo Deus como **"voz do povo"** e Deus como **"não voz do povo"**.

b) Diferença social pelas classes econômicas: O enunciado **"A voz do povo não é a voz de Deus"** está chamando atenção para a uma diferença de classes sociais utilizando o discurso religioso de um Deus da classe dominante e de um Deus da classe menos favorecida.

c) Diferença social pela linguagem: o discurso **"A voz do povo não é a voz de Deus. Deus jamais falaria 'prástico', 'probrema', vai 'curintia' e 'framengo'."** remete a uma linguagem formal que a classe dominante tem mais domínio contrapondo a uma linguagem informal ou coloquial em que a classe menos favorecida faz mais uso. As duas formas de linguagem estão presentes na sociedade como um desnivelamento discursivo em que, no momento presente dum diálogo pela relação memorial dos discursos **"já ditos"** com os **"novos ditos"**, segundo Foucault (1996, p. 22), "os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, *são ditos*, permanecem ditos e estão ainda por dizer.", revelando pela ressignificação de cada discurso expresso no enunciado verbal e não verbal a diferença social e de poder dos sujeitos pertencentes às classes do sistema econômico.

No enunciado, a heterogeneidade discursiva se apresenta como mostrada e não marcada, ou seja, pelo enunciado não é possível identificar o sujeito enunciador porque a voz discursiva é indireta e livre. O discurso polifônico se mostra como vozes antagônicas que se cruzam entre si desencadeando as múltiplas faces

discursivas de um enunciado pela relação com o ditado popular, diferença social pelas classes econômicas e pela linguagem.

O discurso como veiculação de poder é notório pelo desnivelamento discursivo das classes transparecido no enunciado e pela imposição discursiva do enunciador que não se encontra no discurso do enunciado, mas sim no discurso imagético caracterizado como um sujeito do sexo masculino que remete a outro contexto de um personagem televisivo de humor “Sai de Baixo”, em que Caco é um sujeito representante da classe dominante, período 1996 a 2002, pela emissora de televisão Globo.

O comentário do sujeito “outro” (masculino): **“Pura verdade”** concorda com o sujeito enunciador representante da classe dominante e com o sujeito do enunciado.

Considerando os mecanismos de Foucault, há no desenvolvimento da análise o princípio de inversão, descontinuidade e de exterioridade. Nesse sentido, os discursos foram considerados na análise como contraditórios ou inversos entre si, como descontínuos e também situados pela sua exterioridade, ou seja, os discursos reproduzidos na sociedade.

Sujeito “3” (masculino) - DISCURSO RELIGIOSO

Mensagem - “E você ainda reclama de ir para a igreja em dia de chuva!”

Sujeito “3” (masculino): “Noé está voltando!!”

Sujeito “outro” (masculino): “Tanto sacrifício por uma coisa q não existe.”.

Sujeito “3”: “Existe sim. Ouça Octavio Paz: Las realidades imaginadas no son menos reales que las vividas.”.

Sujeito “outro”: “Imaginação. 1. Faculdade com que o espírito cria imagens, representações, fantasias. 2. Falsa idéia proveniente de um juízo errôneo ou de uma apreciação irreflectida.”.

Sujeito “3”: “É figurativo, Octavio Paz está no figurado, feche o dicionário e abra o coração!!!!

Sujeito “outro”: "O cristianismo nos afirma que há um homem invisível, que vive no céu e vigia tudo o que fazemos, o tempo todo. O homem invisível tem uma lista de 10 coisas que ele não quer que a gente faça. Se você fizer qualquer uma dessas coisas, o homem invisível tem um lugar especial, cheio de fogo, fumaça, sofrimento, tortura e angústia onde ele vai lhe mandar viver, queimando, sofrendo, sufocando, gritando e chorando para todo o sempre. Mas ele ama você!"

George Carlin

Sujeito “3” - “Muitas coisas invisiveis são reais: Veja a atração do ímã, por exemplo. O real será aquilo que vc queira que seja real. E como as pessoas religiosas são abertas para explicações mágicas, a fé lhes será tão concreta quanto uma rocha. Veja bem, não se trata de o que é, mas do que coletivamente se quer que seja. Há um axioma que diz "o que é a verdade senão uma mentira contada mil vezes?" e a Linguística diz que "o uso consagra a forma" ou seja, a verdade é aquilo que legitimamos como tal, pouco importando sua imanência.”

No recorte, a análise é realizada a partir do discurso do enunciado que se refere à igreja, revelando pelas múltiplas vozes discursivas o assujeitamento e a relação de poder do sujeito pela sua imposição discursiva.

a) No enunciado do recorte: os fiéis estão dando expressão a sua fé em uma igreja inundada em que a água está quase na altura do joelho. A partir deste ponto de vista é notório o assujeitamento dos sujeitos explicitado pela posição ideológica fundamentada filosoficamente a partir do discurso religioso cristão. A

heterogeneidade discursiva mostra pelo discurso religioso as vozes dos discursos **“não ditos”** silenciados pelos discursos outros, ou seja, os discursos **“ditos”** que representam o discurso religioso cristão. As vozes dos discursos **“ditos”** são dominantes nesse contexto dialógico e mostram-se como a materialidade do discurso e poder pela sua imposição discursiva sobre as outras vozes silenciadas.

b) Sujeito “outro” (masculino): nota-se que o assujeitamento ideológico do sujeito outro é o contrário da imagem acima, mas embora ele diga que Deus não existe, ele se baseia filosoficamente pela existência de Deus para explicitar o seu posicionamento antagônico, e, para isso, ele recorre ao significado do dicionário e à citação do autor George Carlin para dar autoridade e consistência a seu ponto de vista. Nesa relação antagônica verifica-se que o poder sob a forma discursiva se mostra pela imposição ideológica do sujeito “outro” sobre o enunciado perceptivel na imagem. No caso da interferência do sujeito “3”, tanto este como o sujeito “outro”, ambos traçam conflitos antagônicos pelo posicionamento discursivo que cada um carrega consigo e trazem da memória discursos de sujeitos outros de importância intelectual para dar autoridade e consistência aos seus discursos.

c) Do sujeito “3” (masculino), considera-se que ele dialoga com o sujeito “outro”, o qual a princípio concorda com ele no sentido de que o cristianimsmo seja produto da imaginação, entretanto acrescenta ao discurso do sujeito “outro” que Deus também é real, na medida em que as pessoas o tornem real, ou seja, o vivenciem, mesmo que dentro de um êxtase religioso. Conforme Brandão (1999, p. 23), “a ideologia se materializa nos atos concretos, assumindo com essa objetivação um caráter moldador das ações” utilizado de diferentes formas como para chancelar o posicionamento do sujeito “3” que cita o autor Octávio Paz; mostra a atração do ímã como exemplo; expõe sua opinião; faz referência a um axioma e à linguística que estão servindo de suporte para confirmar sua proposiçao diante do discurso religioso que acompanha a imagem. O sujeito “3” mostra ter um conhecimento filosófico aprodundado sobre o ponto de vista do discurso religioso.

d) A partir dos três pontos de vista apresentados, vê-se o conflito discursivo pela heterogeneidade discursiva ao mostrar as vozes polifônicas, ou seja, vozes do sujeito com os outros sujeitos que se ressignificam no acontecimento ou no efeito discurso do momento enunciativo em um espaço e um tempo.

Mensagem: Ser mulher é um privilégio. Ser cristã é minha escolha.

Sujeito "3" (masculino): "Não, não é escolha, é condicionamento. Se você nascesse no Irã seria muçulmana e se nascesse no Japão seria budista, o cristianismo é uma imposição cultural.".

Sujeito "outro" (Feminino): "não necessariamente....".

Sujeito "3": "Realmente, não necessariamente: apenas 99% das mulheres no Irã são muçulmanas.".

Sujeito “3”: “Não podemos ignorar esse 1%”

No enunciado do recorte, podemos analisar pela inscrição discursiva visual, gesto que lembra uma pessoa em estado de prece ou oração. Há um diálogo entre a materialidade discursiva verbal e a imagética.

O sujeito “outro” é assujeitado a uma ideologia religiosa cristã conforme o discurso do seu posicionamento ideológico frente a outro discurso do sujeito “3”; o discursivo com vontade de verdade do sujeito “outro” se impõe a outro discurso diferente. Percebendo no fio da discursividade elementos pertencentes ao discurso cristão.

A heterogeneidade discursiva consiste no discurso polifônico em que as vozes antagônicas entre si, referentes à voz do sujeito “3” frente à voz do sujeito “outro” se enfrentam a partir das posições discursivas e filosóficas diferentes apresentadas e defendidas por cada sujeito.

Resgatanto da memória a primeira análise do discurso do sujeito “3” sobre a imagem em que os fieis estão dando expressão a sua fé em uma igreja inundada em que a água está quase na altura do joelho, e a análise do discurso “**Ser mulher é um privilégio. Ser cristã é minha escolha.”,** as ideologias colocadas em jogo são matéria prima para a construção de outras ideologias numa relação dialógica entre os sujeitos pelas diferenças discursivas. Segundo Pêcheux (1969, p. 168), “O ponto da exterioridade relativa de uma formação ideológica em relação a uma formação discursiva se traduz no próprio inteiror desta formação discursiva”, isso acontece devido à constituição da formação discursiva ser pelo diálogo em que os discursos ora, contraditórios entre si, ora descontínuos, regulares se entrecruzam em uma relação de diferença discursiva pela presença do outro, ou seja, a heteogeneidade discursiva.

Com relação aos mecanismos de Foucault já mencionados, está presente o princípio de inversão e o de especificidade nas análises das duas fuguras. Nos discursos das figuras, encontra-se o princípio de iversão, ao considerar que os sujeitos reconhecem a fonte dos seus discursos, como o discurso religioso, o porquê desse discurso ser contínuo, como exemplo tem-se a materialização contínua do discurso pela vontade de verdade dos sujeitos, ou pelo assujeitamento deles. Mas que é preciso considerar o contrário, o inverso, como exemplo tem-se a imagem

mostrando o discurso cristão e o inverso a partir de dois discursos opostos a este. O discurso inverso sempre está subentendido, exigindo do sujeito uma reflexão para considerá-lo. Também está presente o princípio de especificidade, em que o sujeito "3", de acordo com sua formação discursiva, se posiciona de forma específica frente aos vários acontecimentos discursos religiosos, é através do princípio de especificidade que se encontra o príncípio de regularidade. Como exemplo, a citação referente à primeira figura que diz o **Sujeito "3": "***O real será aquilo que vc queira que seja real. E como as pessoas religiosas são abertas para explicações mágicas, a fé lhes será tão concreta quanto uma rocha. Veja bem, não se trata de o que é, mas do que coletivamente se quer que seja*.". Já na segunda figura, o mesmo sujeito mostra que **Sujeito "3": "***Não, não é escolha, é condicionamento. Se vc nascesse no Irã seria mulçulmana e se nascesse no Japão seria budista, o cristianismo é uma imposição cultural.".* Tanto no primeiro exemplo ao se referir que coletivamente os fieis têm a mesma crença como no segundo exemplo quando afirma que a religião é uma imposição cultural, está presente o princípio da especificidade em que, a partir deste, encontra-se o princípio de regularidade.

Os princípios utilizados foram os de inversão, descontinuidade e de exterioridade que se encontram dispersos ao longo da análise.

Sujeito “4” (masculino) - DISCURSO POLÍTICO CRÍTICO

Mensagem: “Finalmente uma campanha que vale a pena aderir. Diga não ao Big Brother Brasil 13, 14, 14, 16... Precisamos de apenas 70.000.000 de Compartilhamentos !!!”.

Sujeito “2”: “Se é para acabar com um dos mais idiotas e idiotizantes produtos da indústria cultural, vamos mandar até para o Diabo”.

No discurso do recorte, a análise é desenvolvida a partir das vozes polifônicas que dialogam com os discursos de outros lugares discursivos marcados ideologicamente em um contexto social de uma época.

No enunciado do recorte, há uma voz que remete ao realitu show Big Brother Brasil, programa televisivo cuja maior audiência se deve à “massa”. O programa foi iniciado em 2002 no Brasil e se mantém até a atualidade. Ele consiste em certo número de participantes confinados em uma casa vigiada 24h por dia e por muitas câmeras espalhadas. Durante três meses é mostrado tudo o que acontece na casa. A transmissão da filmagem na casa é realizada pela emissora televisiva Rede Globo.

Ao fazer referência ao reality show, a voz que emerge do discurso mostra uma comparação de oposição do **“Big Brother Brasil”** como **“Big Bosta Brasil”**. A imagem do **“olho”** referente ao “**Big Bosta da Brasil”** se refere ao mesmo **“olho”** utilizado no programa “**Big Brother Brasil”**, remetendo também a uma comparação de oposição.

A relação de oposição contra o reality show **“Big Brother Brasil”** é menifestada pelas justificativas explícitas no enunciado do recorte, por exemplo: “**Finalmente uma campanha que vale a pena aderir. Diga não ao Big Brother Brasil 13, 14, 14, 16... Precisamos de apenas 70.000.000 de Compartilhamentos!!!”**. É nesse sentido que o sujeito “3” concorda com a oposição e acrescenta **“Se é para acabar com um dos mais idiotas e idiotizantes produtos da indústria cultural, vamos mandar até para o Diabo”**, dialogando com outras vozes de outros lugares discursivos, ideologicamente marcados, como a que informa de um modo subentendido que o programa referido faz parte da industria cultural de alienação que não aguça o ponto de vista político crítico e a que relaciona ao lugar chamado “Diabo” pertencente ao discurso religioso de mesmo domínio ideológico da religião cristã. É nesse sentido que, para Orandi (2009, p. 62). “não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se pode recortar e analisar estados diferentes”, dos diálogos discursivos atravessados por várias ideologias dos discursos institucionalizados que se ressignificam no ato discursivo. É também nesse sentido que, para Bakhtin afirma (2002, pg. 104-105), “... as formas que constituem uma enunciação completa só podem ser percebidas e compreendidas quando relacionadas com outras enunciações completas

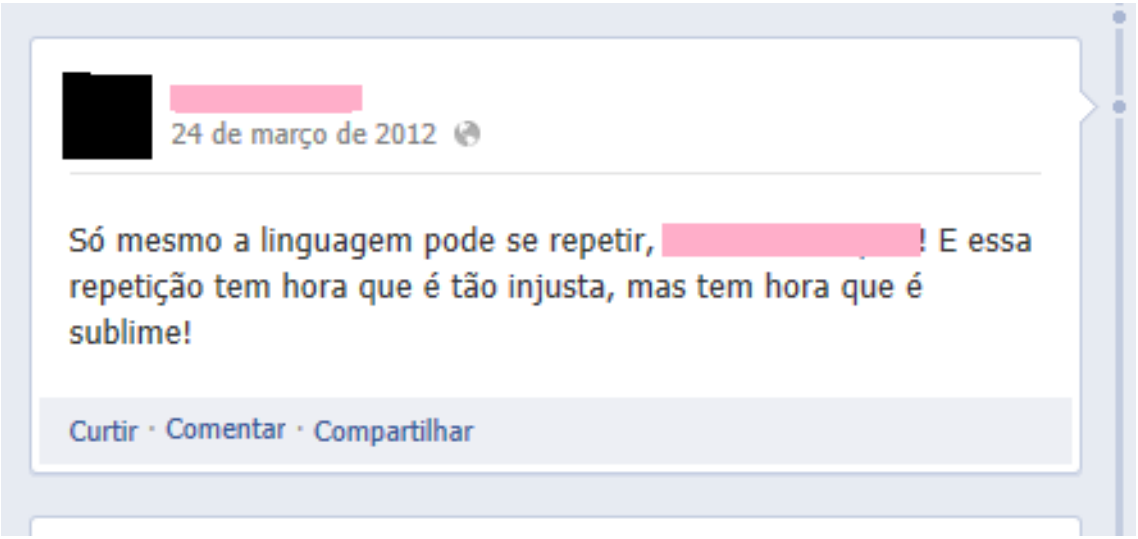
pertencentes a um único e mesmo domínio ideológico.” sempre movimentadas discursivamente pelas relações dialógicas com outras vozes emergidas dos discursos.

No enunciado do recorte, o enunciado está sendo ressignificado pelo sujeito “3” no momento presente da instância discursiva em que interage em um movimento dialógico com as vozes dos textos verbal e não verbal e também com outras vozes que o discurso destes textos remete.

Por todos os aspectos mencionados, os discursos institucionalizados presentes no enunciado estão sob a forma discursiva político crítico em que mostrou ideias antagônicas, emergidas da polifonia que se refere às vozes contraditórias representadas pela voz do Big Brother Brasil em oposição da voz do Big Bosta Brasil.

Os princípios utilizados foram os de inversão, descontinuidade e de exterioridade que se encontram dispersos ao longo da análise.

Sujeito "5" (feminino) – DISCURSO ESCOLAR



Mensagem: "Só mesmo a linguagem pode se repetir! E essa repetição tem hora que é tão injusta, mas tem hora que é sublime!"

A análise do recorte acima se refere ao sujeito do enunciado em vários tipos de relações, como ao que se refere à função sujeito gramatical e à função sujeito do discurso, isto é, do próprio enunciado, em que ambos estão interligados ao sujeito enunciador em exercício da função autor mostrando, dialogicamente com a presença da alteridade, a interação de vários discursos que se encontram implícitos. Esses implícitos são reconhecidos pelos **"já ditos"** que servem como estrutura ideológica para a posição do sujeito no discurso. O sujeito do enunciado pode se referir tanto ao que está escrito gramaticalmente como também ao que é o responsável pela sua elaboração.

Com relação à gramática, tem-se o sujeito como função que pode ser exercida por palavras de várias classes gramaticais da Gramática Normativa, por exemplo, no enunciado do recorte, observa-se, na primeira oração **"Só mesmo a linguagem pode se repetir!"**, a função sujeito constituída por palavras que pertencem às seguintes classes gramaticais: "**só"** e **"mesmo"** pertencem à classe dos advérbios, **"a"** à classe dos artigos e **"linguagem"** à classe dos substantivos, já na segunda oração **"essa repetição tem hora"**, têm-se as palavras: **"essa"** que pertence à classe dos pronomes e **"repetição"** à classe dos substantivos que foi substantivada a partir do verbo repetir, e tanto na terceira oração **"que é tão injusta"** quanto na quarta oração **"que é sublime!"** tem-se o pronome **"que"** substituindo o sujeito da segunda oração **"essa repetição"** que, por exemplo, ficaria

assim **“E <u>essa repetição</u> é tão injusta, E <u>essa repetição</u> é sublime!”**. O sujeito é identificado no exercício de sua função que pode aparecer em diferentes estruturas na frase, como exemplo, em estruturas frasais de modo direto ou indireto.

O sujeito gramatical está relacionado à linguagem como forma, tanto no modo verbal (oral, escrita), quanto no modo não verbal (gesto, figura, imagem, sinal e etc.), em que ambas as formas são usadas para a materialização do discurso, identificado nos mais variados tipos de enunciados. Nesse sentido, a linguagem além de ser a forma é também o meio ou o canal de transmissão do discurso no meio social conforme o tempo, espaço e época. O poema, o quadro, o gesto, dentre outros são exemplos de diferentes linguagens que materializam o discurso expresso no enunciado.

Com relação ao enunciado, o sujeito se refere aos **“já ditos”** ou **“memória”** ou **“FD”** que são os discursos, ideologicamente marcados, em épocas, lugares, estilos em diferentes formas e contextos histórico-políticos, a partir de uma estrutura social e institucional dos discursos religioso, político, cultural, sindical, informacional, jurídico, escolar e familiar. É nesse contexto que ambos os discursos são produzidos e reproduzidos. Os discursos institucionalizados, veiculados de várias formas e estilos ancorados em uma estrutura discursiva, são justificados filosoficamente e conceitualmente pelos sujeitos que mesmo não conhecendo a fundo seu conceito filosófico compreendem sua existência ideologicamente.

No discurso, o sujeito enunciador, ou seja, lugar ocupado pela função autor não é o mesmo do enunciado, para Foucault (2007, pg. 104), “esse “autor” não é idêntico ao sujeito do enunciado e a relação produtora que mantém com a formulação não pode ser superposta à relação que une o sujeito enunciante e o que ele enuncia.”, nesse sentido, o sujeito autor se relaciona de forma diferente a cada contato com o enunciado que é novo a cada ressignificação que lhe é dada. A cada volta do enunciado é um novo enunciado, por isso ele não se repete e faz parte de um pano de fundo dele mesmo, o discurso. O enunciado como parte do discurso é o próprio discurso que ora se apresenta em parte, ora num todo a partir de sua compreensão.

No enunciado do recorte, as palavras “**injusta”** e **“sublime”** se referem aos discursos implícitos, que são os **“já ditos”** que se ressignificam a partir dos valores sociais e ideológicos usados como referência para os **“novos ditos”** e a compreensão destes. É através dos implícitos que o enunciado se concretiza. É

também a partir dos implícitos que o sujeito autor e o sujeito leitor vão buscar na **“FD”, “memória**”, ou seja, nos **“já ditos”** as referências significativas para a compreensão do enunciado no discursivo interligado à sua formação social e ideológica marcada em uma época. Os discursos são os referentes ideológicos marcados no tempo pela história, e no espaço de uma determinada época, e sempre atualizados pelo enunciado, ou seja, pela ressignificação dos **“já ditos”** colocados em cada acontecimento discursivo.

O discurso se revela no enunciado. Segundo Foucault (2007, pg. 31), “Um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente.”. O enunciado traz consigo o seu novo sentido, ou seja, uma nova significação a cada volta de sua aparição. O enunciado é relativo a cada sujeito, tanto para quem enuncia como para o sujeito outro em uma relação dialógica. A repetição discursiva que surge como ora **“injusta”** ora **“sublime”** se atualiza no acontecimento discursivo pelo dialogismo e alteridade em múltiplas interações entre sujeitos. O jogo dialógico discursivo se faz presente entre os discursos, a partir de discursos outros, reconhecidos na **“memória”** surgindo e desaparecendo em uma ordem discursiva que se mantém estruturada pelos discursos institucionalizados marcados e reconhecidos ideologicamente.

No enunciado do recorte, o diálogo traz para o jogo discursivo as várias ideologias implícitas que as torna **“injusta”** e a alteridade como outras ideologias implícitas as tornando **“sublime”,** que apesar de não estarem explícitas são reconhecidas ideologicamente por cada sujeito na **“FD”** em que cada palavra faz referência. Assim, segundo Bakhtin (2002, pg. 106), “O sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto.” em um movimento dialógico entre discursos realizados pelos sujeitos. Esse processo dialógico entre os discursos reconhecidos e realizados pelos sujeitos mostra o posicionamento do sujeito no discurso.

Nesse sentido, a partir de uma estrutura dialógica entre sujeitos e sujeitos outros, o enunciado anterior revela o posicionamento do sujeito pelos discursos que fazem referência aos implícitos **“injusta”** e **“sublime”** através dos **“já ditos”** que ressignificam no acontecimento como **“novos ditos”** que ora têm efeito **“injusto”,** ora têm efeito **“sublime”**.

CAPÍTULO IV

OS LUGARES DO SUJEITO E O DISCURSO: FACES DE IDENTIDADE

A análise deste capítulo identifica os discursos como lugares discursivos que caracterizam a identidade dos sujeitos analisados, a partir do conceito da identidade pós-moderna elaborado por Hall e dos conceitos já desenvolvidos no capítulo III. A identidade mutável, móvel, flexiva e fluida defendida por Hall tem como base teórica o marxismo, a psicanálise, Saussure, Foucault e o feminismo.

Hall relembra o pensamento marxista do século XIX e reforça que este foi reinterpretado no século XX, a partir da década de sessenta através de um recorte do pensamento de Marx (apud HALL, 2001 p, 33), “homens (sic) fazem a história, mas apenas sob as condições que são dadas”, em que novos olhares surgiram enfatizando a noção de um sujeito deslocado que, segundo afirmação do estudioso do marxismo, o filósofo Louis Althusser (1918-1989), as relações sociais (modos de produção, exploração da forma de trabalho, os circuitos capitais) colocou o sujeito no centro de seu sistema teórico anulando a noção abstrata como o centro de sua unidade individual.

Esse novo olhar teórico sobre o pensamento de Marx (apud HALL, 2001, p. 35), “que há uma essência universal do homem; que essa essência é o atributo de ‘cada indivíduo singular’, o qual é seu sujeito real”, foi enfatizado pelo Althusser mostrando que a essência individual do sujeito é fragmentos de uma essência universal pelas ideologias do sistema econômico no interior das lutas de classes. Nesse sentido, a essência individual do sujeito acontece do exterior para o interior.

Outro pensamento sobre a fragmentação do sujeito se insere no campo da psicanálise que, segundo Freud (apud HALL, 2001 p, 36), “nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente”, esse recorte de Freud é desenvolvido pelo estudioso de suas obras chamado de Jacques Lacan (1918-1990) que em sua releitura à teoria de Freud, dentre outros trabalhos, desenvolve um estudo intitulado *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*, comunicado no XVI Congresso Internacional de Psicanálise, em de 1949. Lacan defende a ideia de que a imagem do eu é construída a partir da relação com os outros. E logo no início da primeira fase da vida, o sujeito é constituído pelo complexo de entrelaçamento em constante

negociação no inconsciente pelos impulsos para uma identificação e fantasias com as figuras paternas e maternas. Essa é a “fase do espelho” de Lacan em que o sujeito ainda criança se projeta como uma imagem refletida no espelho, a partir do olhar do outro que o domina, como, por exemplo, o pai e a mãe. Essa relação do eu no olhar do “outro” é o início do sujeito em constituição interior ou constituição mental a partir dos sistemas de representação simbólica fora de si mesmo em que está intrinsecamente ligado à língua, cultura, ideologia, diferença sexual dentre outros em um plano discursivo constitutivo pela diferença simbólica, ideológica e social. Essa é uma fase conflituosa para o sujeito, pois com ele segue o sentimento dividido entre o pai e a mãe e sentimentos contraditórios pelo desejo impulsivo de agradar ou rejeitar, a negação de sua parte masculina ou feminina que não são resolvidos enquanto criança e ficam registrados no inconsciente do sujeito seguindo historicamente na sua construção identitária inacabada pelo desejo inconsciente de resolver o que ficou guardado na infância, mas que não é resolvido, por isso causa uma falta, incompletude constante por toda a vida. Desse ponto de vista psicanalítico, a identidade é constituída por algo “imaginário” ou fantasioso inconscientemente sobre sua unidade que permanece em um processo contínuo de inacabamento ou incompleto.

Nesse sentido, para Hall (2001, p. 39), “em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento.”, ou seja, como um processo identitário em construção pela busca incessante de completude para suprir a falta de desejos e impulsos mal resolvidos e contraditórios no início da constituição identitário no tempo de criança.

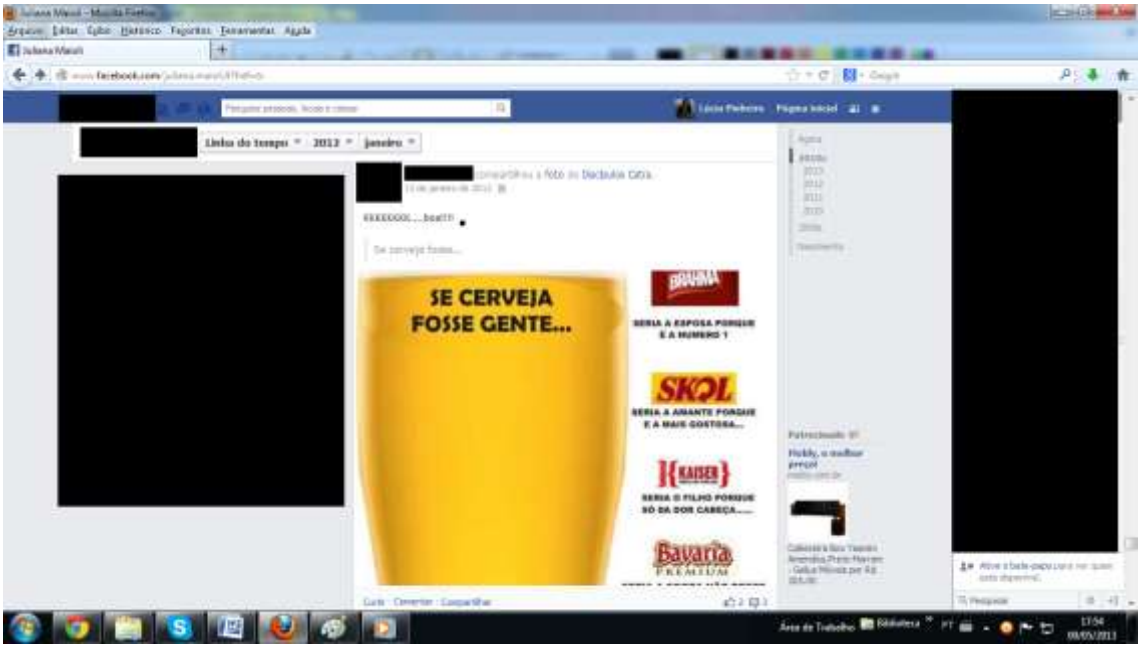
O conceito de língua em Saussure, do ponto de vista social, também apresenta fragmentação em sua essência pela carga semântica e social dos discursos veiculados entre os sujeitos. Nesse sentido, o conceito de Saussure é desenvolvido por Hall (2001, p. 40), “falar uma língua não significa expressar nossos pensamentos mais interiores e originais, significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidas em nossa língua e em nossos sistemas culturais.”, interligados pelos sentidos ideologicamente veiculados pela língua através dos discursos institucionais. A linguagem considera a palavra em conjunto com os significantes e significados, e estes relacionados a outros significados dentro de um contexto ideológico e social por vários sistemas culturais.

Hall traz o conceito de “poder disciplinar” de Foucault como o novo tipo de fragmentação identitária do sujeito. O “poder disciplinar” atua como regulação do sujeito e do seu corpo. A vigilância entre os sujeitos explicita um governo disciplinador que trabalha policiando e controlando suas ações individuais através do “poder disciplinar” em instituições como escolas, quarteis oficinas, prisões, clínicas e outros. Sobre este conceito de Foucault, a modernidade tardia aplica o poder de uma forma que individualiza ainda mais o sujeito, consequentemente, segundo Hall (2001, p. 42), “quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito individual”, em meio aos diversos fenômenos sociais.

O último embasamento teórico de fragmentação identitária trata sobre o feminismo da década de 60 como parte de grupos de “novos movimentos” da modernidade tardia que desencadeou dentre outros conceitos a questão da família, sexualidade, o trabalho doméstico e outros politizando a identidade e o processo de identificação de vários temas polêmicos como a formação das identidades sexuais e de gênero.

Esses cinco conceitos teóricos são a base para possível perfil identitário do sujeito identificada como fragmentada e fluida defendida por Hall. É a partir da identidade dispersa em sua própria essência que a nossa análise se baseia juntamente com outros conceitos inseridos na Análise do Discurso francesa. Nesse sentido, os lugares do sujeito são identificados pelo discurso imagético e textual em sua abrangência histórica, política e social de uma época que possibilitou identificar as marcas identitárias dos sujeitos analisados discursivamente. Aqui, a identidade constituída e manifestada no e pelo discurso marca vários momentos discursivos que se ressignifcam a cada novo ato discursivo. Considerando que a identidade, construída pelo sujeito outro e constituidora da identidade do outro, se manifesta conforme sua necessidade.

Sujeito “6” (feminino) – DISCURSO FAMILIAR



MENSAGEM:
SE CERVEJA FOSSE GENTE...
BRAHMA seria a esposa porque é a número 1.
SKOL seria a amante porque é a mais gostosa...
KAISER seria o filho porque só da dor de cabeça...
BAVARIA seria a sogra, não desce de jeito nenhum...
SCHINCARIOL seria a cunhada poque ninguém gosta, mas todo mundo leva pro churrasco.
ITAIPAVA seria a puta porque todo mundo gosta, mas ninguém assume.

Sujeito "6" - "KKKKKKKKKKK... boa!!!"
Sujeito outro "1" - (Feminino) - adorei!!!!
Sujeito "6" - Muito boa né tia!!! KKKKKKK....
Sujeito outro "2" (Feminino) – kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

Este recorte é analisado a partir dos vários lugares discursivos, ideologicamente marcados, conforme a época e o espaço dentro de um contexo histórico-social, reconhecidos pelos **"já ditos"** ou **"FD"** ou **"memória"** e traça pelo discurso marcas de dialogismo e alteridade por um viés da heterogeneidade discursiva, monofonia e polifonia mostrando, pelas posições discursivas do sujeito organizador deste discurso familiar em uma sequência classificatória, as faces das diferentes identidades explícitas no enunciado referente à cerveja.

No enunciado **"BRAHMA seria a esposa porque é a número 1."**, o lugar discursivo mostra, através da "**BRAHMA"** personificada em **"esposa",** uma ideologia do discurso familiar que traz consigo várias referências ideológicas que constitue o sujeito **"esposa"**. Uma das referências discursivas é a explicação **"porque é a Nº 1"** que além de ser uma das caracterísicas do sujeito **"esposa"** é também da cerveja **BRAHMA**, a **"Nº 1",** dentro de um contexto histórico-social de uma época em que se reconhece ideologicamente pelos **"já ditos"** ou **"memória"**. A expressão **"porque é a Nº 1"** é outro lugar discursivo, também marcado ideologicamente, que se mostra explicito no enunciado do recorte anterior ocupando o lugar de outras justificativas que poderiam ser **"ditas"**, mas que não foram, mesmo pertencendo ao mesmo domínio ideológico discursivo.

A partir do recorte, considera-se que os enunciados remetem ao discurso familiar como o lugar em que várias ideologias de mesmo domínio ideológico são praticadas. Os outros enunciados que estão relacionados ao mesmo domínio por uma relação de oposição como ao que se refere à **"amante"** e por uma relação de exclusão como por exemplo a **"puta"** revelam uma compreensão no social que

somente é possível ser pensado ideológicamente no que se refere à família, mesmo na relação de pertencimento e não pertencimento.

Num plano subjetivo, o sujeito **“esposa”** que tem a justificativa **“porque é a Nº 1”** é reconhecido na **“FD”** por uma ideologia viva do discurso familiar como o lugar e as condições ideológicas sem marcação temporal. Já num plano objetivo, isto é, na prática social as ideologias sobre o sujeito **“esposa”** continuam vivas se utilizando do discurso como instrumento ou meio, ou as condições ou o lugar de se veicular, alimentando-se dos sujeitos pela prática discursiva inerente a eles e se perpetuando a cada discurso registrado num período histórico-político-social de um determinado lugar, época ou acontecimento. É nesse sentido que afirma Pêcheux (1997, p.149), “Só há prática através de e sob uma ideologia” e “Só há ideologia pelo e para sujeitos”. Isso mostra uma relação intrínseca entre o discurso familiar como ao que se refere à **“esposa”** e as ideologias referenciais as quais os sujeitos relacionam e comparam concomitantemente à outras diferentes de si, mas que se encontram atravessadas neste mesmo espaço discursivo ideológico.

Outro lugar discursivo do discurso familiar é revelado no enunciado **“SKOL seria a amante porque é a mais gostosa...”** mostrando, através da **“SKOL”** personificada em **“amante”**, ideologias antagônicas considerando a **“esposa”** do enunciado primeiro em oposição à **“amante”** deste segundo enunciado. Também há oposição ideológica ao justificar que a **“esposa é a Nº 1”** por um implícito que infere que há outra ou outras que não é ou são a **“Nº 1”**. Assim também, há oposição ideológica relacionada á **“amante porque é a mais gostosa...”**. Essa oposição discursiva, localizada ideologicamento nos lugares discursivos, é marcada na heterogeneidade discursiva, ou seja, nos diferentes discursos como o da **“esposa”** e o da **“amante”** em que poder-se-ão estar contidos em contextos diferentes ou não. Esse jogo discursivo heterogêneo é entrelaçado dialogicamente pela interdiscursividade em que num discurso como ao que se refere à **“esposa”** tem relação com outros discursos como ao da **“amante”** sempre orientados e veiculados entre sujeitos com relação a outros sujeitos, isto é, pela presença da alteridade. Todo discurso é fundamentado filosoficamente ou conceitualmente, mesmo os que estão relacionados à sua oposição como exemplo à “**amante”** com relação à **“esposa”** e os que estão relacionados à sua exclusão como à **“puta”** com relação à **“cunhada”** ou os que estão relacionados por comparação referente a estes já citados e a outros discursos que se mantém estruturados e materializados

em si mesmos (AIE), ou seja, nos AIE como ideologias na subjetividade do sujeito e também como discursos institucionalizados no social, isto é, exterior ao sujeito.

As instituições discursivas (AIE), exemplo a instituição familiar, além de serem o instrumento e as condições necessárias materializados em discurso para suas próprias veiculações são também o lugar em que, na discursividade dos sujeitos, as ideologias se cruzam, se atravessam, se contradizem e se afirmam simultaneamente em um movimento de transformação, reprodução e ressignificação num diálogo entre sujeitos com relação a outros sujeitos. Segundo afirmação de Pêcheux (1997, p. 145), "o que significa que os aparelhos ideológicos de Estado constituem o lugar, simultânea e contraditoriamente, o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações de produção", nesse sentido, é através dos discursos (AIE) como espaço ideológico e prático que os sujeitos, divididos em classes sociais, se chocam e lutam entre si em diversos tipos de relação na instância discursiva em determinada época e dentro de um contexto histórico-político-social de uma formação social dada.

Já no enunciado **"KAISER seria o filho porque só dá dor de cabeça..."**, a cerveja **"KAISER"** personificada em **"filho"** explicita uma justificativa de causa sobre filho que **"só dá dor de cabeça..."** como se não causasse outros efeitos além deste direcionando o sujeito a ideologias que tenham esse mesmo sentido.

Nesta mesma linha de raciocínio, tem-se o enunciado **"BAVARIA seria a sogra, não desce de jeito nenhum..."** que orienta também para uma única justificativa referente à **"sogra"**, a que **"não desce de jeito nenhum..."**. Tanto o enunciado relacionado ao **"filho"** como ao relacionado à **"sogra"** explicitam através dos lugares discursivos, ideologicamente marcados, uma voz dominante com relação a outras vozes. Essas vozes fazem parte da heterogeneidade discursiva não marcadas que se fazem expressar polifonicamente e monofonicamente. Os discursos com relação ao **"filho"** e à **"sogra"** são exemplos de vozes monofônicas, isto é, uma única voz dominante em cada enunciado apoiada a outras vozes que apenas servem de referência a esta voz que transparece. Em oposição às vozes monofônicas, tem-se as vozes polifônicas, conceito trazido por Bakhtin 1992, p. 4) como vozes polêmicas, contraditórias e que não se misturam em um mesmo discurso, tipo às vozes que se referem aos enunciados sobre a **"esposa"** e a **"amante"** que se apresentam como vozes antagônicas e contraditórias entre si. Essas vozes, mesmo estando em diferentes enunciados,

estão relacionadas polifonicamente num mesmo discurso em que prevalece a ideologia famíliar.

Já no enunciado **“SCHINCARIOL seria a cunhada poque ninguém gosta, mas todo mundo leva pro churrasco.”**, aqui, é mostrado um posicionamento discursivo de forma generalizada com relação à “**cunhada”** que, considerando o social, há um pensamento contrário ao da realidade vivida. A universalização e a oposição dos sujeitos em **“ninguém”/ “todo mundo”** mascara, no discurso, uma ideologia reveladora de um sentimento reprimido de não aceitação à **“cunhada”** apenas na subjetividade, mas que, mesmo tento este pensamento, a aceita no seu meio social de diversão como por exemplo um **“churrasco”**. Neste caso, a aceitação da **“cunhada”** no social se refere ideologicamente por fazer parte da família.

Assim como no anterior, há também neste enunciado **“ITAIPAVA seria a puta porque todo mundo gosta mas ninguém assume.”** uma universalização e uma oposição dos sujeitos em **“todo mundo”/ “ninguém”**. Dessa forma, tanto a **“cunhada”** do enunciado anterior como a **“puta”** deste enuncidado**,** apesar de estarem em contextos bem diferentes, se relacionam pela oposição e maneira generalizada em que os sujeitos **“ninguém”/”todo mundo” e “todo mundo”/“ninguém”** são manifestados. Além da relação generalizada e de oposição, há também a de exclusão ou de não pertencimento da **“cunhada”** com relação à **“puta”** em que a primeira é aceita por pertencer à família e a segunda não, devido ocupar um lugar de oposição a determinados valores desse discurso. Nesse mesmo contexto discursivo, além da **“puta”** tem-se a amante **“amante”** que se refere ao segundo enunciado do recorte. Em um mesmo discurso institucionalizado, como por exemplo o discurso familiar, tem-se o atravessamento de várias ideologias como as que estão relacionadas por oposição, exclusão, comparação e poder que, diferentes entre si, pertencem ao mesmo domínio ideológico.

Esses diferentes atravessamentos estão também em outros domínios institucionalizados como o religoso, o político, o jurídico, o escolar, o informacional dentre outros que num contexto socioeconômico e ideológico é, segundo Pêcheux (1997, p. 146), “o próprio desmembramento em regiões (Deus, a Moral, a Lei, a Justiça, o Saber, etc.) e as relações de desigualdade-subordinação entre essas regiões que constituem a cena da *luta ideológica de classes.*”, isto é, a cena da luta

pelo poder que mostra um vínculo contraditório ligado aos discursos dispersos entre as classes. A classe dominante, que é caracterizada por ter e manter um domínio ideológico sobre a classe menos favorecida, se utiliza do discurso que, para Pêcheux (1997, p. 146), na "reprodução das relações de produção "subjuga" sua transformação (opõe-se a ela, a freia ou a impede, conforme os casos)". Nesse sentido, ela assegura seu poder veiculado pelos seus representantes, chamados sujeitos, com relação a outros pertencentes à outra classe que, em um duelo ininterrupto pelo poder, estão sempre orientados dialogicamente diante do posicionamento discursivo. O poder institucionalizado discursivamente, como exemplo o familiar, é manifestado e veiculado sempre que os sujeitos sentirem a necessidade de expô-lo, para isso eles criam as condições necessárias para organizá-lo e exprimi-lo em uma relação dialógica com outros sujeitos.

Subjetivamente, o sujeito autor organiza seu discurso na **"FD"** ou **"memória"**, lugar em que os discursos institucionalizados (AIE) se encontram dispersos e predispostos a serem manifestados, lugar onde, segundo Pecheux (1997, p. 153-154), a "constituição de sentido se junta a constituição de sujeito" pela sua interpelação. Nesse sentido, o sujeito é constituído (1997, p. 157), "como *um processo de (representação) interior ao não-sujeito constituído pela rede de significantes, no sentido que lhe dá J. Lacan: o sujeito "preso" nessa rede* de modo que o sujeito resulta dessa rede como "causa de si"", esse mesmo processo ininterrupto é o da constituição de sua identidade. É um processo contínuo em que o sujeito e sua identidade estão concomitamente em construção.

A identidade é constituída em meio a todo esse jogo discursivo institucional na interação dialógica entre os sujeitos das classes contraditórias entre si no interior das relações socioeconômicas que, segundo Tomaz (2011, p. 81), "A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder.". O discurso como poder, conflito ideológico e social entre as classes, é manifestado pelo sujeito de diversas formas e também como revelador de suas múltiplas faces identitárias, como exemplo tem-se o discurso familiar do recorte.

Neste recorte, o sujeito autor organizou seu discurso na **"FD"** e exteriormente revela algumas de suas várias faces identitárias através da cerveja na figura de gente mostrando, pelas marcas da cerveja personificadas em várias pessoas do discurso familiar, como a **"esposa"**, a **"amante"**, o **"filho"**, a **"sogra"**, a **"cunhada**"

e a **“puta”**, as diferenças pela exclusão, oposição, comparação, o grau de importância e aceitação social e de poder que cada uma delas possue através das justificativas, ideologicamente marcadas, dentro de um contexto histórico-político-social de uma época e de um lugar em uma relação dialógica entre sujeitos. Assim, a cerveja revela suas faces identitárias através de várias marcas como a **“Brahma”**, **“Skol”**, **“Kaiser”**, **“Bavaria”**, **“Schincariol”** e **“Itaivapa”** que mesmo os que não são adeptos das marcas da cerveja podem conhecê-las e reconhecê-las ao fazer analogias com o discurso familar.

Além da revelação das várias faces identitárias da cerveja, é manifestada também uma das várias faces identitárias dos sujeitos que comentaram o enunciado do recorte, como por exemplo **Sujeito “6” - “KKKKKKKKKKK... boa!!!”**, **Sujeito outro “1” - (Feminino) - adorei!!!!**, **Sujeito “6” - Muito boa né tia!!! KKKKKKK....**, **Sujeito outro “2” (Feminino) – kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk**. que através da interação dialógica bem humorada com o enunciado concordam com o posicionamento discursivo do sujeito autor do referido enunciado.

Por todos os aspectos mencionados, o movimento discursivo na interação dialógica entre sujeitos, que tem como pano de fundo um contexto histórico-político-social de uma época, é o responsável pela constituição identitária, isto é, o sujeito constrói a identidade do outro pelas revelações de suas diversas faces identitárias e constrói a sua própria pelas revelações das faces identitárias de outros sujeitos. A identidade é construída pelos sujeitos através dos discursos institucionalizados (AIE) no exterior e nos da **“FD”** conforme a necessidade, o interesse, a vontade, dentre outros e o poder que se quer transperecer. Desse modo, a identidade está sempre em construção devido à ressignificação do discurso a cada novo acontecimento discursivo que atualiza a **“FD”** e é o meio para a manifestação exterior de múltiplas faces identitárias do sujeito. Para Hall (2011, p. 13), “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.”. É nesse sentido que o discurso é o meio para a constituição e revelação das faces identitárias dos sujeitos pelo posicionamento do sujeito diante da instância discursiva. É também nesse sentido, segundo Foucault (2007, pg. 105), “que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos.”. a partir do discurso exterior em contato com o interior refletido nas expressões das múltiplas faces identitárias flexíveis e fluidas do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O capítulo I tratou da Análise do Discurso de linha francesa (AD), constituída na década de 60 do século XX, tendo o discurso como objeto de estudo e de análise e seus fundamentos teóricos firmados na Linguística, no Materialismo Histórico e na Psicanálise.

O Pêcheux, fundador da teoria, construiu seu objeto de estudo com o objetivo de desenvolver um instrumento científico de que, para ele, as ciências sociais necessitavam e por ser na reinvenção do instrumento que a ciência insere seus questionamentos e estrutura sua teoria. Este processo realizado por ele provocou uma ruptura nas ciências sociais possibilitando a construção da teoria do discurso desenvolvida em três fases reunidas em sua obra *Por uma análise automática do discurso*.

A primeira fase da AD é fortemente marcada pelo conceito de Pêcheux sobre o assujetiamento do sujeito através da "interpelação", como também por Foucaul sobre o conceito de posicionamento do sujeito diante do discurso. A "interpelação" acontece como um efeito ideológico sobre a designação de um sujeito, aquele que é chamado de sujeito é sempre sujeito. O posicionamento do sujeito frente a ideologia está relacionada ao mascaramento do exercício de poder em todos os tipos de relações entre sujeitos.

A segunda fase trouxe o conceito de Formação Discursiva (FD) de Foucault como discursos dispersos referentes às ideologias adquiridas ao longo do processo discursivo do sujeito. Também o processo discursivo pelo conceito psicanalítico em que o consciente, pré-consciente e inconsciente é o lugar de todas as representações imagéticas e enunciados reconhecidos como os "já ditos" ou mamória utilizadas na constituição de sentido pelo intradiscurso como relação de sentido no subjetivo do sujeito. No plano exterior ao sujeito, o sentido acontece pelo interdiscurso, ou seja, relação entre discursos no social.

Nesta terceira fase, acontece a construção do sujeito pelo discurso, através do resgate da AD-1 e AD-2 referente às formações ideológicas pelas formações discursivas, pelo processo enunciativo de Bakhtin através do diálogo interativo com o outro e a presença das vozes polifônicas implícitas no discurso no acontecimento em que é ressignificado discursivamente e também por uma proposta de Hall sobre

uma identidade fluida e móvel a partir dos lugares enunciativos do sujeito identificados como marcas de identidade fluida.

O capítulo II destacou a origem das redes sociais na década de 90 na Internet, com mais detalhe o desenvolvimento da rede social e site o Facebook criado em 2004. O Facebook foi utilizado como instrumento e o lugar da realização da análise do *corpus* desta dissertação, funcionando como um registro histórico político e social, no tempo e no espaço, de uma época pós-moderna caracterizada por uma identidade fluida, móvel, mutável e flexível a cada novo encontro entre identidades direrentes entre si ocasionada na interação dialógica heterogênea relacionada à formação ideológica sob a formação discursiva de cada sujeito.

O capítulo III registrou a análise dos discursos dos sujeitos nos recortes dos enunciados do Facebook a partir da Teoria da Análise de Discurso nos mecanismos foucaultianos: princípios de inversão, descontinuidade, especificidade e a exterioridade. Os discursos mostraram a relação dialógica com outros discursos expressando o desejo de poder, poder, o assujeitamento, antagonismo entre os discursos dentre outros pela presença das vozes discursivas emergidas da polifonia que está presente na heterogeneidade discursiva não marcada.

O último capítulo IV, também de análise, realizou a identificação de marcas identitárias dos sujeitos autores do Facebook pelos lugares discursivos dos sujeitos entrelaçados a outros lugares explícitos nos enunciados discursivos em que possibilitou apontar as diferentes faces identitárias dos sujeitos analisados. Pela AD, mostramos que a análise dos enunciados no recorte atravessa a Linguística enfocando a teoria da enunciação, o Poder na veiculação do discurso, o Materialismo Histórico mostrando o discurso ideologicamente marcado pelos sujeitos divididos em classes nas relações de produção, isto é, por um sistema econômico em contexto histórico-político-social de um lugar em uma época de uma data formação discursivas, também a Psicanálise que pelo discurso materializado em um códico linguístico é responsável pela idealização de todos os discursos institucionalizados (AIE), todos responsáveis pela identidade do sujeito e pelas revelações das suas diferentes faces identitárias que se mostram flexíveis, mutáveis e fluidas em um interação dialógica entre o sujeito com relação a outros sujetos diante do posicionamento discursivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. 3ª edição. Lisboa, Portugal. Editorial Presença/Martins Fontes. 1980.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, UNICAMP – IEL, n. 19, jul./dez.,1990.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermanita G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes. 1992.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchio. Tradução de Carlos Albert Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BRANDÃO, Helena. **Introdução à análise do discurso***.* São Paulo: UNICAM, 8. ed. 2002.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo. Paz e Terra: 1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
_____ .**A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
_____ .**Microfísica do poder.** 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

GREGOLIN, Maria do Rosário F.V. **A análise do discurso: conceitos e aplicações***.* Revista ALFA. vol. 39. São Paulo, 1995.

HALL, Stuart, **A identidade cultural na pós-modernidade**, 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HENRY, P. **Os Fundamentos Teóricos da "Análise Automática do Discurso"** de Michel Pêcheux (1969). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1997.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 1.0. 1 [CD-ROM]. 2001.

KIRKPATRICK, D. **O efeito Facebook**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

LÉVY, P. **Tecnologias da inteligência**. São Paulo: Editora 34, 1993.

MACIEIRA, Maria do Socorro Beltrão. **Na ordem dos discursos: um sujeito autor**. Tese de Doutoramento – UFPB, Paraíba: 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso.** Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3 ed., 1997.

MARTELETO, R. M. **Análise de Redes Sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação.** Ci. Inf., Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo, Unicamp. 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso**. Campinas,3. ed., Educamp. 1997.
_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP, 3 ed., Editora da UNICAMP, 1997.
_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, Pontes, 1997.
_____. **Papel da memória**. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2007..

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais. 10 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2011.

Sites acessados

WIKIPÉDIA, http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet - Acessado em 13/01/2013.

http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/07/historia-das-redes-sociais.html – Acessado em16/01/2013.

http://images.search.conduit.com/ImagePreview/?q=1997-%20SIX%20DEGREES&ctid=CT3242335&searchsource=10&CUI=UN44507632327612262&start=0&pos=30– Acessado em 16/01/2013.

http://images.search.conduit.com/ImagePreview/?q=FRIENDSTER&ctid=CT3242335&searchsource=10&CUI=UN44507632327612262&start=0&pos=9– Acessado em16/01/2013.

http://www.natanaeloliveira.com.br/wp-content/uploads/2011/03/interface-rede-social-my-space.jpg – Acessado em 16/01/2013.

http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/07/historia-das-redes-sociais.html– Acessado em 16/01/2013.

http://www.orkut.com.br/Main#Home– Acessado em 16/01/2013.
https://www.facebook.com/#!/lucia.pinheiro.543– Acessado em 16/01/2013.